

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE ESTUDOS DE LITERATURA
LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA LITERATURA

“OS HOMENS QUE SE CUIDEM”
O SEXO DOS HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE AGUINALDO
SILVA

ERON RAFAEL DOS SANTOS

PORTO ALEGRE - 2019

ERON RAFAEL DOS SANTOS

**“OS HOMENS QUE SE CUIDEM”
O SEXO DOS HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE AGUINALDO
SILVA**

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção de título de mestre em
Literatura Brasileira

Orientador: Luís Augusto Fischer

PORTO ALEGRE - 2019

ERON RAFAEL DOS SANTOS

**“OS HOMENS QUE SE CUIDEM”
O SEXO DOS HOMENS NA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE AGUINALDO
SILVA**

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção de título de mestre em
Literatura Brasileira

Orientador: Luís Augusto Fischer

Prof. Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino(UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Prof. Dr. Fernando Seffner (UFRGS)

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer
(Orientador - UFRGS)

PORTO ALEGRE - 2019

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Eron Rafael
"Os homens que se cuidem": o sexo dos homens na
literatura brasileira a partir de Aguinaldo Silva /
Eron Rafael Santos. -- 2019.
92 f.
Orientador: Luís Augusto Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Literatura Brasileira. 2. Homossexualidade. 3.
Aguinaldo Silva. 4. Ditadura civil-militar. I.
Fischer, Luís Augusto, orient. II. Título.

Aos mais de 800 LGBTs vitimados pelo preconceito no Brasil em 2017, 2018 e 2019.
Que não sejam esquecidos!

AGRADECIMENTOS

Se a vida me presenteou por vezes, com apedrejamentos, também me deu mãos que curaram as feridas e que não deixaram com que essas mesmas feridas se transformassem nessa armadura dura que por vezes é preciso vestir. Há algo de suavidade que o carinho cerca e nos enxuga nos dias de chuva e tempestade.

Primeiramente, um obrigado a mamis e papis, dona Clair e seu Alceu, por terem enchido de livros um pequeno menino tímido e por terem dado a ele a possibilidade de sonhar e de imaginar que as coisas podem e devem ser diferentes do que elas são. E também por terem auxiliado esse menino já homem a caminhar quando suas pernas já estavam muito cansadas para dar seus próprios passos.

Meu muito obrigado ao meu orientador, Luís Augusto Fischer, pelo auxílio, pela paciência, pelo carinho e pela liberdade com que faz da sua orientação espaço de possibilidades, e não de aprisionamentos.

Meu muito obrigado também a meu ex-orientador Carlos Augusto Bonifácio Leite, Gutíssimo, que acendeu as faíscas e manteve o fogo da curiosidade aceso, mesmo não tão perto quanto em outros tempos.

Um obrigado aos professores do curso de Letras da UFRGS que também auxiliaram nesse caminho. Meu mais sincero agradecimento a Regina Zilbermann, Homero Vizeu Araújo, Paulo Guedes, Maria da Glória Bordini e Antonio Marcos Sanseverino.

É preciso também agradecer aos colegas que passaram e compartilharam desses dois anos ao meu lado e cujas conversas, papos e conselhos são hoje parte formante tanto do meu caráter quanto deste estudo. Muito obrigado aos almoços e cafés com Isabel Cadore e Josué Frizon, aos conselhos de Marina Malka, Mariana Kapp, Julia Wengrover e Vitor Necchi e aos abraços sempre tão calorosos do Arthur de Faria, que por várias vezes fizeram do medo a força.

Um obrigado a meus irmãos, um biológico, Alan Diego dos Santos, pela aceitação desde sempre; e a Rebeca Lopes, irmã dessas que encontramos na vida e que parecem ter conosco dividido o útero, quem por tantas vezes foi meu porto seguro

e também aquela com quem pude dividir a sensação de estremeção dos terrenos que é sentir o mundo na ponta dos dedos, essa sensação que faz da juventude, enfim, jovem. Que continuemos essas crianças, hoje com as nossas próprias crianças a zelar.

Um obrigado a Felipe Rangel, por se fazer também irmão.

Um obrigado a Clarice, por me dar motivos e esperanças.

Um obrigado a Igor Simões, pela ajuda, pelos conselhos, pelas leituras e pelos tantos papos e discussões que ajudaram na formulação dessas páginas.

Um obrigado também aos tantos amigos e pessoas que passaram e que continuam pela vida e por esta trajetória. Meus mais sinceros agradecimentos a Maria Júlia Froes, Jessica Gregório de Souza, Ana Carolina Gonçalves, Patrícia Lampert, Daniel Keller, Ida Thon, Otto Stange e meus companheiros de palco e de bar Rafael Barcelos e Fábio Leão.

Um obrigado aos tantos alunos que tive na vida e que por tantas vezes me ensinaram mais do que eu jamais poderia retribuir. Obrigado, alunos da E.E.E.M. Anita Garibaldi

Um salve às gays.

Um salve às sapatas

Um salve às trans!

Um salve a quem nos salve.

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou “compreensível”, cavando mais fundo as muralhas do gueto endossando — ao “assumir” — a posição isolada que a Grade Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

(Lampião da Esquina, 1978)

RESUMO

Em 1975, o escritor pernambucano Aguinaldo Silva, figura de fundamental importância na história de luta LGBT no Brasil e ainda hoje nome bem conceituado dentro daquilo que podemos chamar de cultura pop brasileira, publicava o romance *Primeira Carta aos Andróginos*, pela editora Palas. O livro, infelizmente de pouco conhecimento público, tem como tema central a questão sexual no Brasil. Dessa forma, é objetivo deste trabalho a análise da questão da sexualidade proposta pela obra, em especial a sua relação com o contexto ditatorial civil-militar que o país se encontrava na época de sua feitura e publicação. Além disso, também é objetivo a análise de como o escritor utiliza da tradição judaico-cristã para a construção de seu enredo e do romance que mantém a subversão sexual enquanto tema central.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Literatura Brasileira; Aguinaldo Silva; Ditadura Cível-Militar

ABSTRACT

In 1975, the writer from Pernambuco, Aguinaldo Silva, a figure of fundamental importance in the history of LGBT rights in Brazil and still a well-known name within what we can call Brazilian pop culture, published the novel *Primeira Carta aos Andróginos* by the publisher Palas. The book, unfortunately of little public knowledge, has as its central theme the sexual issue in Brazil. So, this work aims to construe the question of sexuality that is suggested by the book, specially in its relation with the military dictatorial context that was the setting of its writing and publishing. Beyond that, this work also aims to construe how the writer uses the hebraic-christian tradition to build the scenario of the novel that keeps the sexual subversion as its central theme.

Keywords: Homosexuality; Brazilian Literatur, Aguinaldo Silva; Military Dictatorship

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A DITADURA DE 1964, O SEXO, AS GAY, O POVO TODO.....	23
1.1. O GOLPE MILITAR DE 1964 ou <i>Berenica, segura! Nós vamos bater!</i>	23
1.2. O SEXO DOS MILITARES ou <i>O Banheiro nunca morre!</i>	28
1.3. O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ou <i>A história do nosso atraso</i>	32
2. AGUINALDO, SUAS OBRAS E PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS.....	36
2.1. AGUINALDO SILVA: VIDA E OBRA.....	36
2.2. PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS.....	37
3. CAVALO LOUCO.....	43
3.1 O SEXO E O MERCADO ou <i>Quanto custa esse magnífico pernil de adolescente?</i>	43
3.2 O SEXO E A COMUNIDADE ou <i>Viver, senhoras e senhores, é sempre muito arriscado</i>	48
3.3. O SEXO E O REGIME ou <i>Duas horas, doze chicotadas</i>	52
4. GUERRA EM TRÂNSITO.....	58
4.1. DAVI E SALOMÃO ou <i>Vamos dar outra fodidinha?</i>	61
4.2.OS MONSTROS ou <i>Vê o mundo em torno, meu caro animal, como está cheio de monstros</i>	70
4.3. FAETON E UMA NOVA GÊNESIS ou <i>O homem vivendo em coletiva alegria</i>	75
CONCLUSÃO.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	88
ANEXOS.....	92

INTRODUÇÃO

Os setores mais retrógrados do Brasil precisam lidar com seus traumas a respeito do sexo!

É essa a frase que povoa minha cabeça desde o começo da feitura e escrita desse estudo, e que seguiu enquanto um fato de certa forma motivador para as páginas que aqui seguem. Uma das questões primordiais que parecem guiar nossa atual tragédia anunciada, e que, de certa forma, foi a bandeira que alçou ao poder aqueles que fazem dessa nossa tragédia projeto político e de mundo foi essa tão grave e tão dificultosa relação destes setores brasileiros para com o seu prazer, os seus corpos e os seus sexos. Em suma e retomando uma frase já escrita por mim em outro estudo, se os gregos da antiguidade soubessem como gozamos pouco e como gozamos mal, ficariam horrorizados, e perceberiam que a máxima de que não há pecado ao sul do Equador era mais slogan de artista andrógino — e cuja androginia serviu muito bem enquanto fonte de renda — do que uma realidade material palpável.

Há muitos pecados ao sul do Equador, e no Brasil dos dias atuais eles parecem cada vez mais fortes, causando tanto ojeriza da população quanto seu enquadramento enquanto motivação para cometer seus pecados particulares, esses muitas vezes entendidos enquanto compreensíveis ou menores. De fato, somos um dos países mais inseguros para se ser LGBT no mundo, uma vez que um dos nossos morre a cada vinte e seis horas¹. São muitas bichas, sapatas, bissexuais e trans mortas em nome de um desejo que, de tão acobertado, se mostra apenas a partir dos tiros, das facadas, dos socos, dos golpes com lâmpadas, dos apedrejamentos e dos palitos de picolé enfiados na garganta dos tantos corpos torturados e jogados em terrenos baldios como lixos quaisquer.

¹ É fato que tais dados não vêm acompanhados da explicação de que o Brasil é um país violento por natureza, não apenas com aqueles desviantes sexualmente, mas com a população no geral, principalmente mulheres e negros. No entanto, parece alarmante perceber que o grande número de LGBTs mortos no nosso território, se não sintomático apenas do alto grau de preconceito que nos rege, pelo menos seja talvez sintomático da maneira com que a sociedade lida com essas pessoas e quais as posições sociais que elas ocupem para que estejam mais propícias a serem violentadas ou assassinadas.

De fato, o país que parece mais ter lucrado com um turismo que via a questão sexual enquanto cabal para a atração do público estrangeiro é hoje aquele que cria visões opacas e destrutivas sobre o sexo. Muito se fala sobre ele, e pouco se faz, como se a questão sexual no Brasil fosse uma experiência traumática de infância mal resolvida que segue enquanto motivadora para atos brutais, ao mesmo tempo que sua simples existência enquanto tópico de discussão que não passe pelo apelo pornográfico — como a discussão da sexualidade nas escolas, por exemplo — incomoda pela força de sua negatividade. Parece ter sido assim que alçamos ao poder essas tantas personagens infectadas por essa sexualidade doentia que ao mesmo tempo que nos caracteriza, também nos destrói. Dessa forma, fomos elegendo ex-atores de filmes adultos que lutam contra os discursos sexuais nas escolas, senhoras cujo pensamento esquizofrênico consegue ver a marca da besta em meras princesas da Disney e militares que se preocupam tanto com o que acontece entre indivíduos adultos no Carnaval, mas que não possuem vergonha nenhuma em admitir a utilização de dinheiro público para “comer gente”.

No festival da ignorância tupiniquim, os recalcados voltaram. Se seu recalque é genuíno (e em alguns casos, realmente o parece ser) ou não, o fato primordial que parece guiar os seus discursos e os seus atos é o medo que possuem e construíram do sexo e do prazer. Se este não serviu apenas de plataforma, serviu pelo menos de escudo a esconder um projeto nefasto de exploração e de retirada dos tantos direitos que anos de luta conseguiram garantir a nós, trabalhadores e parte dos outros noventa e nove por cento da população que não descansa a cabeça em travesseiros de penas de gansos. Em nome da proteção à crianças e à família tradicional brasileira, se encerram os direitos e os pratos de comida.

E as bichas que continuam morrendo!

Aos desavisados, pode parecer que o ódio contra LGBTs encontrou seu catalisador e sua força a partir dos idos do último ano, o que é uma afronta. Nossa casa sempre foi muito fraca nesse sentido, e a temporada de caça aos viados e aos putos sempre se mostrou esporte muito popular e rentável no Brasil. Foi ele, em parte, que

garantiu a eleição do nosso atual circo de horrores que povoa tanto o congresso quanto o executivo no país, mesmo que parte da estratégia de uma ala minimamente consciente da população para evitar o desastre tenha sido a supressão da discussão sobre a homofobia e preconceitos perpetuados e defendidos pelo então candidato à presidência para focar em questões que interessam na vida prática da classe trabalhadora, como os direitos trabalhistas e habilmente manipulada crise econômica que nos assola.

Estratégia compreensível, uma vez que nós, do lado de cá deste sombrio arco-íris, já havíamos percebido que a violência perpetuada contra os nossos é de pouco ou nenhum interesse para o geral da população brasileira, ainda mais se essa discussão não trouxer nenhum tipo de lucro ou benesses econômicas aos diretamente envolvidos.

Deu no que deu, e talvez o aprendizado que fique ao povo brasileiro é o de que, apesar do medo, da ojeriza e do ódio tantas vezes destinados a nós LGBTs, e exploração de nossa imagem serviu muito bem aos processos e interesses políticos que guiam o país. É assim que somos transformados tanto em imagem de exportação para representar um país de sexualidade livre e desimpedida tão cara ao sistema de turismo no Brasil, quanto somos alçados, juntamente com as mulheres, os negros e os professores, a inimigos a serem combatidos a fim de garantir o equilíbrio geral da nação. Mal sabia essa nação que esse suposto inimigo já estava derrotado há muito tempo, e que o preço a pagar por essa cruzada imaginária e esquizofrênica seria a supressão e desmonte dos aparatos que lhe garantiam a assistência básica à vida quanto seus direitos tão dificilmente conquistados. Em outras palavras, enquanto os brasileiros chutavam cachorros mortos, as hienas faziam a festa e chutavam os vivos.

Tudo isso para dizer que se tem alguma força que me guia na escrita dessas páginas é uma espécie de birra incontrolável e prepotente por fazer com que nossa voz não morra , porque, apesar de alguns avanços, ela é uma das únicas coisas que nos restam. Nós produzimos conhecimento para o país, produzimos avanços e servimos a população, seja na sede por prazer de homens casados nos grandes pontos de

prostituição, seja na sede por violência de uma população que não sabe muito bem lidar com seu sexo e seus prazeres. A estes, servimos até mesmo de algozes e vítimas, alimentando seus fetiches e seus traumas e alçando nosso país a posição de um dos países que mais mata LGBTs no mundo.

Dessa forma, se não por todos, pelo menos por nós, creio necessário olharmos nossa própria história e de alguma forma, gravar nossos nomes na esteira da produção acadêmica a fim de que nossas mortes estejam apenas no plano físico, e não no plano da cultura. Somos muitos os que mantêm esse intuito enquanto motivação de luta, tanto no decorrer de nossa história e que deram os primeiros passos nessa empreitada, como nomes já conhecidos como João Silvério Trevisan, James Green, Darcy Penteado, entre outros, como os tantos pesquisadores e figuras da atualidade, como Renato Gonçalves e Juan Pereira Marsiaj.

É por eles e por mim que, voltando ao que me cabe, me mantive firme no propósito de estudar e compreender a literatura produzida por homossexuais e sobre homossexuais na década de 1970, período em que o Brasil viu crescer tanto a exploração imagética e comercial da camada LGBT quando o surgimento de uma luta conjunta de emancipação homossexual. Dessa forma, guiado por esse instinto de manutenção e de aprimoramento daquilo que já produzimos no ramo do cultura brasileira, que esse estudo se volta a uma obra pouco conhecida e de relevância um tanto exclusiva dentro dos ambientes LGBTs brasileiros, *Primeira Carta aos Andróginos*, do escritor pernambucano Aguinaldo Silva.

A obra é fruto de um momento de especial florescimento dessas questões dentro da realidade brasileira. Em plena ditadura militar e seu aparato de repressão tanto das vozes quanto dos corpos, Aguinaldo faz parte de um leva de artistas que encararam a diversidade sexual e de gênero enquanto motivadoras para a construção tanto de sua imagem quanto de sua produção estética. *Primeira Carta aos Andróginos* é publicado em 1975, na esteira de outras produções como a antologia de contos *Histórias do amor maldito*, organizada por Gasparino DaMata em 1967, o espetáculo de dança e teatro *Dzi Croquettes* em 1972, a exposição de nus masculinos do retratista Darcy Penteado

em 1973, mesmo ano do surgimento do grupo musical *Secos e Molhados*, além de publicações como a coletânea de contos *A Meta*, também de Darcy Penteado e *Os Solteirões*, de Gasparino Damata, ambos em 1975. Anos mais tarde, surgiria o grupo Somos em São Paulo, bem como o periódico do jornalismo independente *Lampião da Esquina*, fechando uma década de especial florescimento da questão da libertação sexual e homossexual na história brasileira.

A utilização e exploração da obra de Aguilardo não tem o enfoque de compreender uma identidade homossexual brasileira, o que quer que isso possa significar. Tem, dessa forma, a questão sexual enquanto principal catalisadora de investigação. Em outras palavras, se o Brasil continua na liderança de assassinatos e violência cometidas contra LGBTs, bem como foi essa uma das bandeiras que unificou os setores mais conservadores da sociedade nos últimos anos, além da compreensão de que é através do sexo e por ele que a comunidade LGBT encontra seu algoz, parece de fundamental importância que, ao tentar desvendar a situação da camada LGBT no país, seja mais necessário voltar-se a questão de como o Brasil lida com o sexo do que necessariamente cair em existencialismos ou produções de identidades que tendem a classificação e ao enquadramento. É pouco sobre o que somos, porque somos muitos, e muito sobre o que fizeram e fazem conosco.

Para isso, utiliza enquanto uma das bases teóricas principais as ideias de Marcuse (2013) presentes no estudo *Eros e Civilização*. Utilizando a máxima de Freud de que a “felicidade é o oposto da civilização”, Marcuse compreende que a vida em sociedade implica certo grau de repressão aos corpos e a sexualidade. No entanto, defende que há um grau de repressão sexual que vai além do processo civilizatório, e que encontra sua motivação na continuidade do processo de produção capitalista. Em outras palavras, há um grau de repressão que não serve aos fins de manutenção da civilização tal qual a conhecemos, mas sim da exploração do capital sobre os corpos trabalhadores. Tal repressão é chamada pelo autor de *mais-repressão*, em oposição à *repressão*, esta caracterizada enquanto algo necessário para a manutenção da vida em sociedade. É dessa forma que acontece o processo que o autor chama de

genitalização. Tal processo se caracteriza pela centralização dos aparatos de prazer nas partes genitais de nosso corpo, a fim de que as outras partes deste funcionem enquanto instrumento de trabalho e exploração.

Além disso, será utilizado os apontamentos de Foucault (2018) no seu estudo *História da Sexualidade*. Nele, diferentemente de Marcuse, o autor defende que a repressão sexual se dá a partir da linguagem, especialmente ao que chama de *scientia sexualis*. Segundo ele, o Ocidente construiu uma tradição científica sobre o sexo e o fazer sexual, que ele coloca em oposição a arte erótica de tradição oriental. Nesta, a sexualidade ou a verdade sobre o sexo é vista a partir do seu potencial de prazer, e não por leis absolutas entre o que é certo ou errado de se praticar. Em outras palavras, a arte erótica oriental, segundo o autor, funciona enquanto ferramenta e mecanismo de um aprofundamento do conhecimento e da sensação de prazer, em oposição à tradição científica a respeito dos discursos sexuais ocidentais. Estes, por sua vez, primeiramente a partir dos relatos confessionais católicos e posteriormente a partir do conhecimento médico-científico, teriam extraído a verdade sobre o sexo a partir de perspectivas moralizantes, garantindo o uma categorização de práticas aceitáveis e de práticas não aceitáveis, primeiramente em nome de uma moral cristã, e posteriormente a partir da perspectiva da saúde dos corpos.

Dessa forma, se multiplicaram no decorrer de nossa história tratados e estudos que buscavam retirar do sexo um saber fundamental. Tal conhecimento que já se fez presente pela ótica da moralidade cristã e pela ótica da moralidade médica (que não deixa de ser, em suma, também cristã) tem um papel fundamental no entendimento da homossexualidade nas sociedades ocidentais. São eles que fazem da prática da sodomia algo nefasto e motivação para talvez as primeiras caças às bruxas (e aos sodomitas) em grande escala de nossa sociedade, como bem pontua Trevisan (2018). Além disso, é o aparato médico-científico que vai garantir a noção de homossexualidade, bem como o afastamento da noção do sexo entre indivíduos do mesmo gênero enquanto prática de sodomia para a construção de um sujeito essencialmente homossexual. É esse discurso, em suma, que garantiria o alinhamento

entre a prática homossexual e a construção de uma imagética de indivíduo e de um corpo homossexual, como pontua Borillo (2010) na sua noção de homofobia médica.

É verdade, no entanto, que os apontamentos de Marcuse e de Foucault são, de certa forma, conflitantes. Enquanto o primeiro vê no sistema econômico capitalista, se não a fonte, o aperfeiçoamento dos aparatos de repressão, o segundo localiza a ordem repressiva dentro do discurso. No entanto, ao meu ver, o exercício dialético entre as duas visões poderia dar luz ao entendimento mais aprofundado de como a prática da repressão sexual funciona na sociedade contemporânea, especialmente no caso brasileiro, em que o sexo, como já dito acima, faz parte da ordem do dia, seja na posição de mercadoria, seja na posição traumática. É tal alinhamento que parece explicar o porquê de o discurso de degeneração sexual ser tão presente em nossa sociedade, tanto no âmbito religioso quanto no âmbito médico, ao mesmo tempo em que explica por que nos regimes em que existiu uma maior exploração da mão-de-obra trabalhadora foram também os momentos em que a repressão sexual encontrou maior eco e recorrência nos discursos oficiais, característica presente tanto no contexto ditatorial militar que serve de palco a esse estudo como nos tempos atuais e sua moralidade evangélica militarizada.

Em outras palavras, Foucault (2018) parece ter razão quando fala sobre como não existe necessariamente um silenciamento a respeito do sexo, mas sim que o discurso funciona enquanto ferramenta para as repressões que a sociedade ocidental pratica sobre ele. No entanto, a falta do alinhamento entre a repressão e o sistema econômico parece deixar uma aresta a ser completada, principalmente no caso brasileiro. É nesse alinhamento que o discurso de Marcuse (2013), apesar do ponto de partida um tanto duvidoso, parece encontrar eco nos aparatos que guiam a questão sexual no Brasil. De fato, os discursos com teores mais libertários - ou seja, aqueles que não passam necessariamente pelo dogma religioso ou pelo discurso médico propostos pelo autor francês - encontraram terreno fértil aqui em momentos de grande repressão de costumes e de cujo o nível da exploração sobre a classe trabalhadora também se acentuou. É o que parece ser observado no começo dos anos 70 com o

boom gay explicitado por Trevisan (2018) em alinhamento com a *relativa hegemonia de esquerda no campo da cultura* proposto por Schwarz (1978). Além disso, talvez em uma comparação perigosa, parece ser o caso do boom dos discursos LGBTs no período que antecedeu o golpe de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Em suma, o encontro entre os dois autores, apesar de conflitantes, é porque talvez o discurso sexual, mesmo quando libertário, pode muitas vezes ser máscara para tempos em que os aparatos materiais sejam necessariamente opressivos.

Dessa forma, a fim de garantir uma análise completa dentro dos pressupostos aos quais esse trabalho se propõe, o estudo se dividirá em quatro partes. A primeira delas é uma contextualização histórica da década de 70, tanto a nível social quanto cultural. Assim, serão utilizados os apontamentos de Schwarz (1978) em *Cultura e Política*, bem como os ensaios de Reis (2014), “A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estadista”, Luna et Klein(2014), “Mudanças sociais no período militar (1964-1985) e Ortiz (2014), “Revisitando o tempo dos militares”, os três pertencentes ao livro *A ditadura que mudou o brasil*, organizada por Daniel Aarão Reis. Além disso, para compor a ambientação homossexual nos grandes centros urbanos da época, serão utilizadas as obras de Trevisan (2018), *Devassos no Paraíso*, bem como o trabalho de Green (2000), *Além do carnaval: a homossexualidade masculina do Brasil do século XX*. Por fim, os textos de Fry (1982) , Marsiaj(2013) serviram de ajuda e de informação para a construção desse panorama.

O segundo capítulo se constitui enquanto espécie de apresentação da trajetória literária e televisiva do escritor Aguinaldo Silva, bem como da obra *Primeira Carta aos Andróginos*, que serve de objeto a este estudo. Além disso, considerando o teor experimental da obra, é feito uma análise da maneira com que o escritor organiza a narrativa, especialmente na sua primeira parte. Tal capítulo, se não serve necessariamente às análises posteriores e não possui uma relação tão estreita com os objetivos do trabalho, serve como apresentação de uma obra que não possui tanto conhecimento público como talvez possa ajudar na leitura de pesquisadores que possam querer debruçar-se sobre o material no futuro.

O terceiro capítulo tem por objetivo uma análise um tanto quanto materialista do conteúdo da obra. O principal objetivo é dar seguimento ao que já fiz no meu estudo de 2017, *Se o sistema não estivesse interessado em manter velas escuras, simplesmente as iluminaria: opressão e exposição homossexual a partir de Lampião da Esquina (1978 - 1981)*, tentando tencionar quais as forças opressivas agiam sobre a camada e os indivíduos homossexuais naquele contexto ditatorial e conservador da década de 70. Para isso, foram utilizados além dos apontamentos históricos, textos mais explicativos sobre a questão psicanalítica a fim de auxiliar o entendimento dos conceitos de Marcuse (2013), como o texto de Muribeca (2009) e Melo Neto et Schmitt (2011). Além disso, o conceito de Adorno (1985) sobre Indústria Cultura também se manteve enquanto espécie de guia para a compreensão dessas forças, principalmente quando voltadas ao consumo da figura homossexual, então crescentes no contexto já citado.

Por fim, o quarto capítulo contém uma análise de ordem mais formalista da obra, principalmente de sua segunda parte, focando tanto na sua estrutura quando na suas aproximações simbólicas com os textos principalmente míticos com as quais a obra parece manter relação. Para isso, foram utilizados os apontamentos de Robbe-Grillet (1965) em *Por um novo romance*, a fim de garantir o entendimento do aspecto experimental do romance de Aguinaldo, muito aproximado daquilo que o autor defende enquanto *Nouveau Roman*, conceito popular no mundo literária da época.

Além disso, considerando aproximação lançada por Maia (2016) em um dos poucos estudos acadêmicos a respeito da obra de Aguinaldo, da aproximação de *Primeira Carta aos Andróginos* com o texto bíblico do Novo Testamento *Primeira Carta aos Coríntios*, do apóstolo Pedro, foram analisadas as referências bíblicas que povoam o imaginário construído dentro da obra.

Para isso, além do livro sagrado da cultura judaico-cristã, na tradução de Francisco Lourenço, foram também utilizados a obra de Alter et Kermode (1997), *Guia Literário da Bíblia* e *The Oxford Annotated Bible*. Além disso, a obra de Northopp Frye (2004), *O Código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. O texto de Fausto Martins (1999) *A simbologia numérica nos Commentari exegetici in Apocalypsim do Padre Brás*

Vieigas, S.J., bem como o de Ribeiro (2011), *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse: A desconstrução de um mito* foram de fundamental ajuda na compreensão de questões e simbologias presentes na obra, principalmente na sua parte final. Por fim, a obra de Paul Gardner (1995), *Quem é quem na Bíblia Sagrada* também se mostrou uma fonte de fundamental importância para o entendimento do papel de determinadas personagens utilizadas por Aguinaldo dentro do contexto bíblico.

Em suma, o presente trabalho não tem necessariamente a pretensão de garantir uma análise total da obra de Aguinaldo, mas sim dar um passo na abertura de um diálogo que coloque os LGBTs enquanto produtores de nossos próprios discursos e produções culturais. O famigerado e controverso conceito de *lugar de fala*, já proposto e explicado por teóricos de grande aporte, como, por exemplo, Djamira Ribeiro(2017) em *O que é lugar de fala* serve enquanto espécie de inspiração, e não necessariamente de guia. Inspiração porque, como já dito, o intuito aqui não é delimitar ou compreender espécie de identidade homossexual brasileira, especialmente porque esta parece ser uma categoria pantanosa no que tange a questão sexual no Brasil e no mundo.

Pantanosa porque, diferentemente de outros oprimidos, como as mulheres e os negros, a história de nossa perseguição não passam por caracteres inerentes a nossa existência, como a cor das nossas peles ou os órgãos genitais com os quais nascemos, e nem passam necessariamente por uma opressão econômica ou de classes. Isso faz com que a própria noção de uma identidade homossexual pareça ser um tiro no pé na luta contra o preconceito e a violência que utiliza de aspectos classificatórios e na transformação de uma prática em identidade enquanto motivadores. No entanto, parece necessário ver a partir do ponto de vista daqueles diretamente envolvidos nesses processos de violência e exclusão como a sociedade e como eles próprio lidam com a questão que parece cabal no entendimento dessa parcela da população: o sexo.

A questão que aqui se encerra parece, dessa forma, a busca por compreender como a questão homossexual seria construída na questão estética literária, principalmente em um momento histórico em que, ao mesmo tempo que a questão sexual alcançava os grandes meios de comunicação e consumo, o estado utilizava de

aparatos de repressão - tanto política quanto social e sexual - bastante violentos e nefastos. Além disso, é de interesse deste trabalho compreender como era vista a questão sexual dentro desses espaços que dariam origem às primeiras manifestações políticas por libertação homossexual no Brasil, bem como delimitar quais as reações e opressões vividas por esses indivíduos dentro do contexto ditatorial brasileiro dos anos 70. Isso tudo compreendendo que mais do que a questão histórica, também parece ser necessário a compreensão de parte da nossa produção estética e de como ela utiliza e subverte aquilo do pensamento tradicional - tanto social quanto estético - a fim de criar uma realidade discursiva que contemple a representação de nossa realidade, pelo menos nos contextos urbanos do país.

Em outras palavras, estudar não apenas nossa história, o que já é necessário, mas também mostrar que, no decorrer da caminhada do Brasil, nós produzimos literatura, no sentido mais clássico e estético da palavra.

Na esteira da popularização dos estudos identitários que tem a questão sexual e do gênero no país dos últimos, esse ponto ainda parece de fundamental importância para compreender nossas tragédias de antes, podendo, assim, talvez, minimizar nossas tragédias de agora.

1. A DITADURA DE 1964, O SEXO, AS GAY, O POVO TODO

1.1 O GOLPE MILITAR DE 1964 ou *Berenice, segura! Nós vamos bater!*

O Abril de 1964 foi um capítulo funesto na história do país. Comandado pelos militares e aclamada pela parcela mais retrógrada da população, o golpe instaurado no dia primeiro deste mês daria início ao regime ditatorial brasileiro. Ainda hoje visto como um exemplo positivo de governo para a camada mais alienada, conservadora e menos crítica da população, o regime tinha como propósito a eliminação das ideias de cunho socialistas dentro do território brasileiro. Assim, combatendo a noção de que a nossa bandeira pudesse um dia infectar-se pelo vermelho das ideias comunistas, o país entraria em duas décadas que a manchariam de um outro tom de vermelho, agora do sangue daqueles que foram mortos e/ou torturados pelo governo marcado por seu alto grau de repressão, violência e barbárie.

Os militares, aliados aos setores civis mais conservadores da época, davam um golpe na então recente democracia brasileira a fim de salvar o país de uma ameaça comunista mais imaginária do que real. Imaginária porque, apesar de um pensamento mais à esquerda dentro do aspecto político nacional ter ganhado força nos anos pré-golpe, a esquerda brasileira, como de praxe, tinha um aspecto muito mais voltado à conciliação de classes do que à luta de classes clássica ao pensamento Marxista. Era, segundo Schwarz (1978) “forte no anti-imperialismo e fraco na propaganda e organização da luta de classes”. Ainda segundo o autor, tal quadro daria origem a uma espécie de marxismo patriótico, combativo ao mesmo tempo que conciliatório que combinava bem com o populismo nacionalista então no poder. Em suma, “o conjunto estava sob medida para a burguesia populista, que precisava da terminologia social para intimidar a direita latifundiária, e precisava do nacionalismo, autenticado pela esquerda, para infundir bons sentimentos nos trabalhadores”(idem,p.62)

Apesar das várias leituras pontuadas pelo autor sobre o quadro brasileiro que foram feitas pelos setores de esquerda, uma parecia ter ganhado maior relevância tanto dentro destes contextos como dentro do então governo do presidente João Goulart. Segundo esta, os maiores problemas identificados no Brasil seriam o imperialismo americano e os aspectos arcaicos da sociedade brasileira, especialmente o latifúndio. Dessa forma, no combate a tais aspectos, o Partido Comunista teria feito aliança com o setor da classe dominante que consideravam “industrial, nacional e progressista” (idem, p 65), em contrapartida com aquele ao qual considerava “agrário, retrógrado e pró-americano” (idem). Assim, por sua fácil conciliação com o plano populista, a esquerda adentrava o então governo com seu plano econômico cujo principal objetivo era o aumento do mercado interno via reforma agrária.

Assim, no Brasil, a deformação populista do marxismo esteve entrelaçada ao poder (particularmente durante o governo Goulart, quando chegou a ser ideologia confessa de figuras importantes na administração), multiplicando os qui-pro-quós e implantando-se profundamente, a ponto de tornar-se a própria atmosfera ideológica do país. (Idem, p.66)

Porém, em 1964, um pacote de mudanças agrárias, administrativas, financeiras e tributárias proposto pelo governo de João Goulart a fim de garantir a chamada “justiça social” causaria uma reação de grande impacto dos setores mais conservadores da sociedade. Apoiados pela ignorância atroz que lhes era (e ainda é) pertencente e por investimentos publicitários e econômicos, uma classe média abestalhada sairia às ruas na chamada “Marcha de Deus pela família” bradando que o Brasil não seria uma nova Cuba e todas as frases de efeito anticomunistas do bestiário político brasileiro com as quais infelizmente ainda estamos acostumados. Deu certo! Aparentemente, Deus era da ala mais atrasada da direita (assim como o foi em 2016 e 2018) e, com sua benção, os militares fecharam o congresso nacional em Abril de 1964, iniciando o período ditatorial brasileiro.

Além do fim de uma democracia ainda jovem, o golpe representava também o triunfo do arcaico sobre a proposta de modernização via reforma agrária dos setores de esquerda da época. Tal aspecto retrógrado tomava forma nas perseguições policiais e civis aos centro sindicais bem como a artistas que tivessem contato direto com a massa trabalhadora, como também na moralidade de costumes e sexual (aspecto que tem

suas variantes e será melhor explorada e atualizada a seguir). A família tradicional se constituiu enquanto centro da então atual sociedade, junto com seu aspecto castrado, sua moralidade provincial e seu atraso latente. Nada muito diferente da atual conjuntura brasileira neste fim dos anos 10 do século XXI, mesmo que , tanto lá quanto aqui, tais aspectos não consigam manter uma relação estável com o *american way of life*, conceito tão caro a essa parcela da sociedade.

No entanto, ditadura não tem estreia, e nos primeiros anos de regime uma aura sutil e ilusória de liberdade de expressão pairava sobre o Brasil, principalmente na área cultural, na qual existia, segundo Schwarz(1978), uma “relativa hegemonia de esquerda”. Relativa, mas forte o bastante para criar uma bolha de consumo própria, principalmente entre os setores mais afastados da classe trabalhadora. Tal quadro se transformaria a partir do final dos anos 60, em que essa produção cultural parecia finalmente construir uma massa de estudantes contrários ao regime. Os militares então mostrariam o lado mais perverso do seu modelo de país e, em 1968, com o advento do Ato Institucional n. 5 a censura prévia estava posta no governo como forma de controlar os aparatos midiáticos e de produção de conhecimento.

Tal hegemonia é, no entanto, um tanto questionável. Talvez pertencente apenas ao aspecto da produção cultural no país da época, essa hegemonia não era necessariamente tão presente dentro das classes populares do país, como bem pontua Reis (2014). Segundo este, não seria apropriado compreender a instauração do regime autoritário apenas pela mão e responsabilidade dos setores militares, sem compreender qual o papel da sociedade civil nesta conjuntura. Em outras palavras, foi também parte da sociedade civil que garantiu os aparatos para que o regime chegasse ao poder e se consolidasse nele, tanto que o autor utiliza a nomenclatura — hoje já bastante em voga — “ditadura civil-militar”.

Mais do que isso, contrariando a análise feita por Schwartz (1982) a respeito do papel de triunfo dos aparatos arcaicos e atrasados na sociedade que a ditadura militar desempenharia em nossa história, Reis(2014) defende que a política praticada pelo regime não era mais do que a continuação de um aparato político nacional-estadista

implementado por Getúlio Vargas e continuado por aqueles que vieram a assumir o poder depois dele. Dessa forma, mais do que um simples parêntese trágico ou acidente de percurso em nossa história, o regime ditatorial militar — apesar da sua crença primária de representação de espécie de corte com uma política nacional-estadista então praticada — não foi mais do que a continuação e modificação de um forma de gestão que já fazia parte da realidade do país. Em suma, o projeto de modernização que se iniciaria primeiramente a partir de Getúlio Vargas e que encontraria seu ápice democrática nos anos de Juscelino Kubischewski seria levado adiante pelos militares, com a diferença de que tal processo se daria de maneira autoritária.

Apesar de os militares se oporem aos movimentos populares iniciados na época Vargas, eles deram continuidade a seu projeto de criação de um Estado industrial moderno. Embora as políticas praticadas de estímulo à economia tivessem criado sérios desequilíbrios a longo prazo, tais como déficit público, endividamento externo e inflação, foi durante o período militar que se lançaram as bases fundamentais de transformação do Brasil no líder industrial da América Latina (LUNA e KLEIN, 2014, p.66)

De fato, durante o regime, o país passou por transformações modernizadoras nunca antes presentes em nossa história, como bem pontuam Luna et Klein (2014). Na época, o Brasil veria sua constituição social passar de uma sociedade agrícola para uma constituição essencialmente urbana, pelo menos nas partes sul e sudeste do Brasil. Além disso, uma diminuição das taxas de fertilidade bem como das taxas de mortalidade garantiriam elevariam a expectativa de vida do país a um patamar aproximado dos padrões presentes então nos Estados Unidos e Europa (idem, p.68). Todos esses processos foram fundamentais para que o período representasse uma consolidação do mercado interno brasileiro, estimulado pela crescente industrialização como também por políticas públicas destinadas à proteção da produção nacional. Tal processo, além de tudo, resultaria na criação e consolidação tanto de um mercado de massas brasileiras quanto de uma nova classe média com maior poder de compra dentro, principalmente, dos ambientes urbanos.

É notável, no entanto, como esse processo não se deu de maneira igualitária, uma vez que os autores também defendem como o modelo de crescimento adotado pelos militares teria a consequência de agravar e ampliar as desigualdades sociais já

existentes no país (e ainda visíveis na sociedade brasileira atual). Tais desigualdades tinham enquanto motivadoras tanto características sociais dos indivíduos, como a questão racial e educacional, quanto questões geográficas, como a diferença entre as regiões nordeste e parte sul e sudeste do país. Ainda segundo Luna e Klein (idem), “as pessoas com nível educacional mais elevado e os brancos tiveram mais oportunidade de ascensão social que os negros e as pessoas com mais baixo nível educacional” (p.68). Além disso, a nível geográfico, enquanto algumas regiões apresentavam avanços na questão industrial e de saúde e educação, as regiões Norte e Nordeste se mantinham estagnadas. Dessa forma, “enquanto as regiões economicamente mais avançadas atingiam padrões de vida similares aos países industrializados, as mais pobres mantinham níveis comparados aos países subdesenvolvidos da África e Ásia” (idem, p.69).

É dessa forma que o regime conseguiu se sustentar na metade final da década de 60 e inicial da década de 70. O aumento do poder de compra de uma classe média que alcançava ascensão social, mesmo que isso significasse profundos atrasos e o empobrecimento das classes mais pobres, garantiria o apoio popular e civil ao regime, sendo até mesmo um dos motivos para os apoiadores atuais do regime argumentarem a respeito das suas benesses à sociedade. Tal processo iria ser contemporâneo aos chamados “Anos de Chumbo” do regime, marcados tanto pelo endeusado Milagre econômico, quanto pelas perseguições políticas, torturas e atentados contra os direitos humanos perpetuados pelo regime em nome da manutenção de uma ordem moral e social brasileira quanto na defesa do então e agora famigerado monstro vermelho do comunismo.

1.2. O SEXO DOS MILITARES ou *O banheiro nunca morre*

Como dito anteriormente, além do fim de uma jovem democracia, o golpe militar também representou a vitória daquilo que de mais arcaico havia na sociedade brasileira. O atraso social, ideológico e econômico viria de mãos dadas também com o

atraso de costumes, no qual o sexo e a sexualidade eram fatores importantes a serem reprimidos dentro da sociedade. Tais setores brasileiros sempre pareceram ter medo do seu gozo, e talvez seja por isso que ainda hoje o país se mantenha na liderança do número total de assassinatos de LGBT's por ano no mundo. No começo dos anos 70, tal qual na conjuntura atual, o país já mostrava sua fratura entre consumo sexual e liberdade sexual que lhe é tão característica, principalmente na sua relação com aqueles sexualmente desviantes que fazem parte de seu seio.

Por um lado, acontecia o que TREVISAN (2018) chamaria de *boom gay*. Tanto a arte mais centrada quando os meios de comunicação de massa pareciam ter percebido o potencial de consumo e de troça que figuras andróginas masculinas tinham para com a população em geral. Do lado artístico, em 1972 surgia o aclamado espetáculo de dança *Dzi Croquettes*, e em 1973 o artista plástico Darcy Penteado fazia uma exposição de nus masculinos recheados de homoerotismo, além da carregada de frenesi peça teatral *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá*, de Fernando Mello. Na grande mídia, por outro lado, a personagem humorística Seu Peru já fazia sucesso no programa *Escolinha do Professor Raimundo* desde 1952 e Renato Pedroso fazia sucesso na novela *Dancing Days*, participando inclusive de um comercial de creme de leite fresco (Fresco! Fresco!) da época. De objeto de possíveis masturbações à objeto de riso, a parcela masculina sexualmente desviante encontrava espaço tanto nos ambientes artísticos quanto nos aparatos da grande mídia de massas.

Além disso, criaria-se também — com um pouco mais de atraso, é verdade — um circuito de consumo voltado aos homossexuais. Segundo Marsiaj (2003), o milagre econômico possibilitaria a ascensão da classe média enquanto a crescente urbanização daria espaço a criação de agrupamentos de homossexuais nos grandes centros urbanos do Brasil (idem, p.134). Logo, o sistema de consumo brasileiro entenderia a máxima americana do *Pink Money* de “duas rendas e nenhum filho” e um vasto sistema de consumo voltado ao público homossexual, que incluía tanto produtos de consumo voltados normalmente ao público feminino como o setor de beleza e decoração, como a variedade de saunas e festas pagas que cresceriam nos grandes

centros urbanos brasileiros na década. Além disso, vale reforçar, a prática clandestina e históricas de encontros sexuais masculinos em locais públicos se manteria presente dentro do tecido urbano brasileiro, como bem pontuariam as primeiras edições de jornal *Lampião da Esquina* (1978 - 1981), primeira publicação homossexual de grande circulação no Brasil.

O banheirão, enfim, nunca morre!

Por outro lado, o aparato de repressão militar do regime ditatorial fazia vistas grossas à homossexualidade. O Brasil, diferentemente de outros países, não teve uma condenação institucional contra a homossexualidade, porém os recentes e interrompidos esforços da Comissão da Verdade parecem mostrar que houve sim perseguição a homossexuais no período militar brasileiro (possivelmente torturas, como irei abordar mais à frente), principalmente por motivos como vadiagem ou “atentado à moral e aos bons costumes”. Este foi o processo sofrido pelo jornal *Lampião da Esquina* em 1979 graças à publicação de fotos de homens em trajes de banho nas praias de Copacabana (*Lampião da Esquina*, abr.1978, p.14) em um contraponto ao que fazia a Revista Manchete na mesma época. Já a “vadiagem” era o motivo pelo qual se prendiam os trabalhadores nos embustes feitos pela polícia nos locais públicos de pegação homossexual como o Cínema Íris e o Buraco da Maysa, ambos no Rio de Janeiro, como pontuo no trabalho *Se o sistema não estivesse interessado em manter vielas escuras, simplesmente as iluminaria: opressão e exposição homossexual em Lampião da Esquina (1978 - 1981)*, de 2017.

Neste estudo, feito enquanto trabalho de conclusão de curso de graduação, busco elencar a partir dos relatos feitos em *Lampião da Esquina*, quais as forças de opressão e violência existiam para com os indivíduos homossexuais (principalmente masculinos) daquele fim da década de 1970, com maior ênfase para aqueles que viviam nos espaços urbanos das grandes cidades. Além disso, baseado em uma entrevista dada por Aguinaldo Silva ao documentário *Lampião da Esquina*, de 2017, que disse inventar parte das cartas que figuravam na seção “Cartas sobre a mesa”, analisei uma série de cartas endereçadas ao jornal e assinadas pelo pseudônimo

Fabíolo Dorô, que pareciam carregar em sua narrativa parte dessas forças opressivas e violentas que agiam sobre os indivíduos sexualmente desviantes da época, como o regime militar, a questão familiar e religiosa e até mesmo a própria comunidade homossexual

Segundo outros relatos da publicação, tanto por parte de leitores quando em uma reportagem assinada pela equipe editorial, os policiais esperavam que os homens entrassem nesses locais conhecidos de pegação masculina e esperavam ao lado de fora a fim de encontrar aqueles adeptos da chamada vadiagem. Segundo reportagem publicada na edição de abril de 1978, que fala sobre um destes embustes praticados no Cinema Íris, cinema outrora luxuoso do centro do Rio de Janeiro, na época já abandonado, os policiais ficavam de tocaia do lado de fora do estabelecimento enquanto, lá dentro, os homens se entregavam aos prazeres clandestinos. Na saída, eram abordados pelos policiais: os bombeiros ou policiais que eventualmente apareciam por lá, recebiam tapinhas nos ombros (porque só Deus sabe o que se esconde por debaixo de uma farda); os advogados e trabalhadores formais eram presenteados com uma chuva de ofensas enquanto aqueles que não possuíam carteira de trabalho eram encaminhados aos camburões rumo às burocracias das leis criminais.

A condenação proposta pelo regime aos homossexuais não é necessariamente por vias da burocracia criminal, até mesmo porque havia também policiais no suposto crime (e só Deus sabe os segredos que podem se esconder dentro de uma organização apenas masculina), mas sim pela sua desmoralização. O ato narrado na reportagem de Lampião é menos sobre uma criminalização institucional da homossexualidade e mais sobre um espetáculo que mostre o quão prejudicial ela pode ser para o país. O crime não é possuir uma sexualidade ou uma forma de encontrar prazer diferente daquilo que é considerado normal, mas sim a vadiagem, que o espetáculo trata de mostrar a sexualidade desviante como causa direta (afinal, por que procurar vadios justamente nos pontos gays da cidade?). (SANTOS, 2012, p. 23-24)

No entanto, ao mesmo tempo em que os ânimos eram de moralidade, nossa hipocrisia habitual também viu o Brasil ter um aumento na sua mercantilização do sexo. O próprio regime autoritário utilizava da ideia de um país tropical e de belas mulheres seminuas nas suas propagandas turística. Não existe pecado do lado debaixo do Equador, principalmente se essa falta de pecado conseguir gerar algum tipo de lucro. Ao mesmo tempo, crescia o número de travestis e michês nas calçadas dos grandes centros urbanos. A acentuação das desigualdades econômicas causada pelo milagre

econômica faria com que, de um lado, existisse uma nova classe média com poder aquisitivo para pagar por serviços sexuais enquanto, do outro, uma classe pobre que necessitava recorrer à prostituição a fim de garantir um mínimo de sobrevivência. Além disso, o alto grau de conservadorismo dificultava aos homens afeminados uma inserção nos meios formais de trabalho, sendo a prostituição muitas vezes uma forma possível de garantia de renda (GREEN, 2000, p.403)

É importante frisar que sobre essa parcela da população também havia repressão policial, principalmente no caso das travestis. Apesar de o Brasil não ter uma condenação criminal contra a prostituição, Green (idem) relata sobre como havia um plano por parte das forças policiais de limpar a cidade de travesti, utilizando também o argumento de “vadiagem” ou “distúrbio à vida pública”. Para escapar de uma possível prisão, as travestis deveriam provar aos policiais que possuíam emprego formal, e que a prostituição servia como complemento de renda, mesmo que esta provavelmente garantisse um valor maior do que aquele. Aquelas que não o possuíam, segundo documentos oficiais da época, eram levadas à cadeia e passavam de dois a três dias presas. Segundo o autor, isso afetava bastante o rendimento mensal dessas pessoas chegando a fazer com que não pudessem pagar o aluguel ou as contas.

A pergunta que fica é: que tipo de país é esse que lucra com seu sexo, mas pune seus praticantes?

1.3. O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ou *A história de nosso atraso*

Os primeiros movimentos de libertação homossexual chegaram ao Brasil, como a maioria dos movimentos, de maneira um tanto atrasada no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos a rebelião de Stonewall teria acontecido ainda no final dos anos 60, deflagrando o movimento pelos direitos LGBT no país, o Brasil ainda engatinhava no que diz respeito à luta pelos direitos daqueles sexualmente desviantes. Segundo

Trevisan (2018), a onda de libertação homossexual que chegou ao Brasil no começo dos anos 70 encontrou aqui terreno fértil não para uma luta real, mas sim através do consumo. Isso porque, segundo ele, a elite brasileira, tão atrasada intelectualmente, mas tão ávida em consumir modismos estrangeiros, percebia na questão homossexual uma espécie de moda passageira.

Se a profusão de personagens homossexuais em rádios, televisões e filmes brasileiros excitou essa elite modernizada, que se sentia orgulhosa de já poder aceitar viados e sapatonas ao seu redor, não exageremos: “Tudo bem, desde que não na minha família!”(...) Assim, sob a ótica dessa “modernidade de algibeira”, a luta pelos direitos homossexuais foi vista, no fundo, como mais uma passageira “moda de verão”, quer dizer, um modismo descartável, um artigo de luxo (idem, p.314)

Foi apenas em 1976 que as primeiras tentativas de agrupamentos de discussões políticas a respeito da pauta gay começaram a surgir, todas infelizmente fracassadas. Em São Paulo, o escritor João Silvério Trevisan tentou criar um grupo que duraria apenas algumas reuniões em que nunca estiveram presente “mais do que uma dúzia de pessoas, todos homens jovens e esquerdistas, estudantes universitários ou profissionais recém formados”(idem, p.315). O grupo se perderia na tensão entre aqueles que achavam que a pauta homossexual deveria estar aliada à outras causas sociais urgentes dentro do contexto ditatorial brasileiro e aqueles que acreditavam que o certo era focar-se apenas na questão gay. Este último grupo com ressalvas e restrições bastante fundamentadas sobre esquerda da época, que, em sua maioria, ainda acreditava nos ideais stalinistas de que a homossexualidade se constituía enquanto uma degeneração da sociedade burguesa (GREEN, 2000, p.428)

Enquanto apanhavam dos dois lados do espectro político nacional, no mesmo ano, no Rio de Janeiro, um ativista distribuía panfletos nos pontos de encontros de homossexuais e à imprensa. O panfleto fazia convite ao que seria chamado de União do Homossexual Brasileiro, cujo encontro social aconteceria nos jardins do Museu de Arte Moderna, no dia quatro de julho daquele ano. O encontro, no entanto, nunca ocorreu, uma vez que, enquanto a imprensa se preparava para fazer a cobertura do evento, oito camburões e setenta homens do Departamento Geral de Investigação Especial fizeram um cerco ao museu. O número de camburões e de homens demonstra o quão assustado parecia o regime frente a um agrupamento de bichas sérias.

A reação oficial à tentativa de organizar um grupo ativista gay indicava que o governo ainda via qualquer evento público político ou semipolítico como potencialmente subversivo. Embora os homossexuais pudessem se reunir em discotecas nos sábados à noite, o agrupamento num espaço público para reivindicar objetivos políticos, como igualdade, dignidade e respeito, constituía um desafio ao regime (GREEN, 2000, p.429)

Na verdade, um dos primeiros e mais relevantes esforços na consolidação de uma luta pelos direitos homossexuais viria só em 1978, uma década após a revolta de Stonewall, com o jornal *Lampião da Esquina*, periódico assumidamente homossexual resultante da leva do jornalismo independente da segunda metade da década de 1970. Diferentemente de outras publicações voltadas ao público que vieram anteriormente, como a revista *Snob* ou a *Gente Gay*, *Lampião* se afastava do caráter de colonismo social presente nas publicações citadas e surgiu empunhando uma bandeira política: retirar o homossexual do que do chamado gueto e posteriormente ressignificar a palavra “bicha”.

Pudera! O tempo era de muitas transformações nas práticas homossexuais no Brasil. No capítulo “Da hierarquia à igualdade: a construção história do homossexualismo no Brasil” da obra *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*, Peter Fry traça dois paralelos distintos das relações homossexuais no Brasil: o das bichas e o que foi comumente chamado de entendidos. Segundo Fry (1982), o primeiro modelo, chamado de *hierárquico*, dividiria os machos da espécie entre homens e bichas: os primeiros carregariam os caracteres considerados masculinos, bem como desempenhariam papel ativo (quem penetra) nas relações homoafetivas, enquanto os segundos carregariam os caracteres considerados femininos e desempenhariam papel passivo (quem é penetrado) nas relações sexuais. Em suma: quem dá é tachado de bicha e quem come pode continuar livre para ser considerado “homem de verdade”. Ainda segundo o autor, tal modelo teria maior recorrência nas regiões periféricas do país e em camadas sociais mais pobres (idem, p.92)

Já o segundo modelo, chamado de maneira muito generosa pelo autor de *igualitário*, seria mais recorrente nas classes médias e intelectualizadas do país. Neste, não interessa mais quem é penetrado e quem penetra, baseando-se simplesmente na orientação sexual assumida ou não. Some a distinção entre bichas e homens e todos aqueles que praticam sexo com outros homens e o assumem são considerados

entendidos. No entanto, no estudo já citado que fiz em 2017, a distinção colocada pelo autor parece carregar um teor elitista maior do que o “igualitário” de seu nome parece propor, criando assim novas formas de opressão dentro da comunidade homossexual brasileira. Talvez venha daí a vontade que *Lampião* demonstrou em ressignificar o vocábulo “bicha”.

Mais do que isso, o trecho mostra que as diferenças entre os ditos entendidos e as bichas restantes ia além do machismo contra as performatizações femininas de gênero, mas era também econômica. Quer dizer, o termo “entendido”, cunhado pelos homossexuais das altas classes em um país de miseráveis e analfabetos, parecia carregar um teor de elitismo e enquadramento de padrões mais altos do que aquilo a que se propunha, e a distinção entre os dois grupos é também através do que podiam consumir aqueles que não tinham espaço dentro do mercado gay emergente. (SANTOS, 2017, p.28 e 29)

Após o lançamento da edição zero de *Lampião da Esquina*, uma dúzia de homens começaria em São Paulo um dos grupos que seria de maior relevância dentro da história política homossexual no Brasil. O que começou como Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, mais tarde seria rebatizado de Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, que garantiria alguns avanços dentro da pauta homossexual nos anos subsequentes (GREEN, 2000, p.432). No ano seguinte, o Somos, juntamente com o conselho editorial do *Lampião*, participaram de um caloroso debate público na Universidade de São Paulo em que as posições a respeito da validade ou não da luta homossexual frente ao contexto histórico em que se encontrava o Brasil naquele fim da década de 70 fortaleceria a posição do movimento frente a uma esquerda que acreditava que a pauta homossexual seria uma “luta menor” dentro do paradigma revolucionário.

À mesa, eu e outros representantes do grupo tínhamos tomado calmantes e alguns sofriam de diarreia. Como era de se esperar, as posições se encarniçaram. De um lado, estudantes e profissionais da esquerda universitária protestavam sua fidelidade ao dogma da luta de classes e ao carisma do proletariado. De outro, nós reivindicávamos a originalidade de nossa discussão e independência de nossa análise, não abrangidas necessariamente pela luta de classes, mas nem por isso menos preocupadas com a transformação social. (TREVISAN, 2018, p. 320)

Em 1980, logo após o Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, que aconteceu em São Paulo, as duas pautas, enfim, reuniram-se. No Primeiro de Maio, um grupo de gays e lésbicas assumidos uniram-se à greve dos sindicalistas, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Eles distribuíram panfletos aliando a questão trabalhista com as pautas minoritárias, empunhando um cartaz com

os dizeres “Contra a discriminação ao(à) trabalhador(a) homossexual”. No mesmo ano, os diferentes grupos organizados passariam por cima de suas diferenças para protestar, nos degraus do Theatro Municipal de São Paulo, a prisão de mais de 1.500 gays, travestis e prostitutas em uma batida feita pela polícia a fim de “limpar a área” (GREEN, 2000, p.436). Começava aí a se firmar um movimento político de libertação Homossexual no Brasil.

Isso, no entanto, foi antes do advento da AIDS, problemática que infelizmente não cabe traçar nessas páginas.

2 - AGUINALDO, SUAS OBRAS E *PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS*.

O presente capítulo tem por objetivo traçar um pouco da história do escritor Aguinaldo Silva, apesar das poucas fontes confiáveis a respeito de sua trajetória, principalmente no que tange sua produção literária não-televisiva. Além disso, sua obra de 1975, *Primeira Carta aos Andróginos*, que serve de temática central deste estudo, não é uma obra que faça parte do circuito canônico da literatura brasileira bem como não parece ter tido um alcance tão substancial, principalmente fora dos ciclos de consumo voltados a homossexuais no período. Dessa forma, considerando também sua falta de reedições bem como sua dificuldade de acesso, também é objetivo deste capítulo uma síntese da obra a fim de que a análise que segue seja acessível aos diferentes públicos que possam ter acesso a este trabalho.

2.1. AGUINALDO SILVA: VIDA E OBRA

Aguinaldo Silva é um escritor de origem pernambucana, que conseguiu sedimentar espaço considerável enquanto escritor dentro daquilo que podemos nomear enquanto cultura pop brasileira. Sua trajetória na literatura começa aos dezesseis anos, quando publica *Redenção para Job*, livro que o lançaria enquanto o “o mais jovem escritor do Brasil” de acordo com Editora do Autor, responsável pela publicação da obra. No ano seguinte, começaria sua trajetória jornalística como repórter no jornal *Última Hora Nordeste*, que seria fechado pela Ditadura Militar, fazendo com que o escritor se mudasse para o Rio de Janeiro, onde passa a trabalhar como repórter policial para o jornal *O Globo*. Em 1978, Aguinaldo junta-se a um grupo de intelectuais e jornalistas homossexuais, dentre eles João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, e funda o jornal *Lampião da Esquina*, o primeiro periódico homossexual de grande circulação do Brasil que se tornaria marco na história dos movimentos de libertação LGBT no país.

No ano seguinte, graças a sua experiência como repórter investigativo, Aguinaldo é convidado a trabalhar pelo Rede Globo como um dos autores do seriado *Plantão de Polícia*. O sucesso do seriado o levou a participar de outras produções da emissora, como o seriado *Malu Mulher* e *Bandidos da Falange*. Dessa forma, Aguinaldo foi consolidando seu espaço enquanto escritor de folhetins de sucesso dentro da emissora, como, por exemplo, o ainda aclamado *Tieta*, de 1989. Ainda na ativa, Aguinaldo possui o “marco” de ser o único teledramaturgo que escreveu apenas telenovelas para o horário nobre da Rede Globo, bem como também de autor das duas produções de maior audiência da década de 1980, *Roque Santeiro*, e da década de 2000, *Senhora do Destino*.

Sua produção literária, no sentido tradicional da expressão, no entanto, não parecem ter alcançado o mesmo nível de sucesso que suas produções televisivas — salvo alguns casos que ganharam adaptações cinematográficas, como o livro *República dos Assassinos*, de 1979. É muito pouca a fortuna crítica que trata da produção literária de Aguinaldo, principalmente do início de sua carreira. Apesar disso, sua produção literária também é extensa e se manteve produtiva mesmo após sua entrada nas produções televisivas. Além dos livros já citados, o autor publicou também as obras como *Cristo Partido ao meio*, em 1965, *Canção de Sangue*, em 1968, *Geografia do Ventre*, em 1972 e, é claro, *Primeira Carta aos Andróginos*.

2.2. PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS

Publicado em 1975 pela editora Pallas S.A., o livro *Primeira Carta aos Andróginos* é apresentado enquanto uma “pausa” nas obras de cunho regionalistas que então vinham sendo desenvolvidas pelo escritor pernambucano, que resolve retratar e estudar a questão sexual, principalmente dentro do ambientes urbanos. O livro se afasta um pouco do estilo que consagraria o escritor nos próximos anos, com suas personagens-alegóricas e seus tipos populares, e mergulha em um estilo de caráter experimental, por vezes confuso, em que realidade, ficção científica e autobiografia

parecem misturar-se a fim de criar uma obra com certo ar de grandeza e megalomania. O principal foco é a pauta da sexualidade, bastante presente no contexto social da época da publicação como seria tema sobre o qual Aguinaldo se debruçaria nos próximos anos através principalmente da participação enquanto jornalista do periódico *Lampião da Esquina*.

A obra se divide em três partes, ou três livros, como sugere a formatação: “Cavalo Louco”, “Guerra em trânsito” e “Botão”. A primeira parte ou primeiro livro é o que apresenta o caráter experimental da obra com maior ênfase. A obra se divide entre uma espécie de narrativa principal e as memórias de adolescente na época da descoberta da sexualidade, bem como as violências sofridas e praticadas pelos moradores da comunidade onde morava, em “Rua do Cupim revisitada”. Já a narrativa principal é construída de maneira fragmentada, como se fosse uma sobreposição de lembranças e/ou reflexões que, inclusive, se complementam através das páginas, como, por exemplo, nos trechos abaixo, divididos por dois parágrafos que tratam de outros temas e de outras reflexões.

O homossexualismo é *um sinal*. Nasce no útero e graças ao correr dos anos suas pequenas feridas vão formando a crosta que será a armadura no primeiro suspeitar da adolescência. Quando se trava a batalha, muitos se punem sublimando até o aparente esquecimento, mas a dor por trás de tudo isso, o peso morto, o envelhecer sozinho. (SILVA, 1975, p.12. Grifos meus)

É *um sinal*. As feridas vêm depois, finalmente a armadura. Aos onze anos uma primeira reação é nosso espanto. Aos trezes o primeiro desejar se faz presença e aos quinze uma explicação nasce das primeiras cinzas. Um longo processo de inversão tem aí o seu início. (idem, p.13. Grifos meus)

No entanto, através de um trabalho de decomposição e reconstrução da narrativa, foram encontradas ou agrupadas onze temáticas principais que vão se sobrepondo no decorrer da narrativa de maneira aleatória e sem seguir um padrão específico. De acordo com o quadro temático e de maneira sucinta, a temática de número um trataria de Aymon, personagem caracterizada enquanto uma espécie de vedete idosa cuja morte levaria a personagem a reflexões. A temática de número dois seria também sobre a morte de alguém, mas agora de uma mulher sem nome, aparentemente um suicídio testemunhado pela personagem principal. A temática de número quatro faria alusão a infância da personagem, ouvindo seus pais praticarem

uma relação sexual no outro quarto. A de número de cinco falaria de uma espécie de dança feita pela personagem na Ponte Duarte Coelho, que a levaria a sofrer violência por parte de um dos motoristas que passavam no local.

No decorrer das temáticas, temos tanto a relação que se estabelece entre a personagem narradora e a classe média da época, como também as memórias que vão desde a infância até a sua velhice (que, de acordo com a trama, se dá a partir dos vinte anos de idade). No entanto, a temática mais proeminente na trama é a relação que se coloca entre a prostituição, que também aparece enquanto tema a partir das memórias de adolescência da personagem, e o mundo do trabalho formal. Nela, são explicitadas a relação daquilo que o narrador chama de “trabalhar sem alegria” e o mundo do lodo, onde se banaliza o fazer sexual e onde a alegria não cabe dentro do peito. Além disso, a temática de número três de acordo com o quadro traz o que seria uma espécie de manual pedagógico do sexo, passagem que parece construir uma relação próxima ao livro bíblico *Primeira Carta aos Coríntios*. Se a passagem bíblica se refere a uma carta do apóstolo Paulo aos novos cristão, ditando-lhes os aspectos morais e imorais do ensinamento e dos dogmas cristãos, a passagem também possui trechos em que prega ensinamentos a respeito dessa sexualidade desviada e dita imoral que se faz tópico principal da obra de Aguinaldo.

⁵Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Iria eu, então, tomar os membros de Cristo para fazer deles membros de uma prostituta? Por certo que não! ¹⁶Ou não sabeis que aquele que se junta a uma prostituta, torna-se com ela um só corpo? Pois, como diz a Escritura: *Serão os dois uma só carne*. ¹⁷Mas quem se une ao Senhor, forma com Ele um só espírito. ¹⁸Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo, mas quem se entrega à impureza, peca contra o próprio corpo.

¹⁹Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? ²⁰Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. (A BÍBLIA, 6:15)

Um ato sexual, para ser perfeito e atingir aquele ponto extraterreno em que porventura parem alguns mais felizes amantes, tem de ser erigido com calma. Não basta buscar a sofreguidão dos gestos, antes é preciso aprendê-los no instante exato, paralisá-los quando necessário e sincronizá-los todos numa só direção: a do prazer. (...) Já o *frango-assado* é a entrega mais mais absoluta, aquela do que se abre em dois. O amante não penetra apenas com o sexo, mas também com o corpo inteiro, sua cabeça acaba alojada dentro da sua, e finalmente não se trata apenas de dois parceiros, mas de um pavoroso ser estrangeiro. (SILVA, p.22)

Além disso, a temática de número dez trata de um elemento importante a narrativa, que será explorado mais adiante: o encontro da personagem Davi-Salomão com os quatro monstros que lhe visitam durante a noite. Por fim, o livro de número um então se encerra com o processo do julgamento da personagem-narradora, finalmente nomeada de Davi-Salomão, pelo caráter público dos seus atos imorais. O júri é composto apenas por homens, alguns deles já mantido relações com a personagem, como pontuaria a persona Davi mais adiante na narrativa. No julgamento, é dada a sentença de que a personagem principal deveria ser encaminhada ao exílio, localizada no planeta Faeton, planeta caracterizado diversas vezes enquanto o “planeta esquecido” da galáxia. Dessa forma, se encerra o processo de sobreposição de imagens e ideias que caracterizaria a primeira parte da obra.

O segundo livro, “Guerra em trânsito”, tem enquanto narrativa principal a viagem da personagem Davi-Salomão, bem como o diálogo que as duas personas dessa mesma personagem travam a respeito de suas atitudes na terra, o que será explorado em capítulo mais adiante, e que tem enquanto enlace a união entre as duas personalidades na figura de Salomão. Além disso, o capítulo *Fisiologia da Mãe* trata da relação das duas personagens com a mãe, aqui descrita como espécie de dominatrix sádica e cujos principais preceitos são os de “amar a Deus sobre todas as coisas” (SILVA, 1975, p.63), “não pecar contra a castidade” (idem) e “trabalhar em franco acordo com os líderes escolhidos” (idem). Já o capítulo “Notícias do Pocilga’s Bar” trata dos bastidores de um show de transformistas e, por fim, “O Bira” fala dos percalços de um jovem escritor morando em uma pensão barata no centro da cidade, incluindo seus problemas com o locatário e com a polícia.

O último livro “Botão”, trata da chegada de Salomão a Faeton, o planeta esquecido. O novo mundo é descrito enquanto um lugar violento, em que árvores gigantes devoram os pequenos animais. Enquanto desbrava o novo mundo, Salomão encontra mais uma vez os quatro monstros que fizeram parte da narrativa terrestre, aqui chamados simplesmente de animais. Pela incapacidade de resolver o enigma

proposto por eles, Salomão os mata, com a exceção do último em que a resolução do enigma precede a sua morte e devoração por parte de Salomão.

E mato. Mais sinto o gosto de sangue, tanto mato. Devoro essa carne putrefata, cheia de vermes. Mastigo e engulo essa massa amorfa, a última delas. Engulo e tanto engulo e por fim restam apenas as botas de soldado que essas eu mastigo mais depressa, tanto quero fazê-las deixar de ser como lembranças, aparecendo sozinhas, descalças diante do meu rosto. E sangue nas mãos, sangue nos dentes, sangue fazendo a língua verde, e seca a boca de tanto mastigar e nada mais receber senão essa podridão, esse cheiro. (SILVA, p.120)

Após o embate com os quatro animais, Salomão encontra Sibila, virgem que lhe aparece correndo pela praia e que diz não saber o que está fazendo naquele lugar. Os dois logo se envolvem romanticamente e, graças a uma inspiração da necessidade de procriar, Salomão engravida Sibila, lhes dando o primeiro filho: Abel. Mais sete filhos virão da relação entre os dois, sendo eles Caim, Sara, Judite, Abrão e Raquel. Quando Abel torna-se enfim um homem, Sibila e Salomão reúnem os filhos no meio de uma floresta a fim de ensinar ao primogênito os conhecimentos do corpo e do prazer, sendo observados pelos outros filhos, tradição que deveria ser repetida com cada um.

Por fim, quando Salomão conta a Sibila a respeito da sua vida e dos atos que praticara na Terra, esta se afasta dele durante sete dias, e no sétimo, conta a ele que “Esses homens (...), quando dormiam contigo (...) tinham nojo de ti.” (p.132). Salomão então mata Sibila e cozinha sua carne, servindo-as a seus filhos, que a comem conscientes de que estão devorando a carne da mãe. Os ossos de Sibila então são jogados em uma depressão do terreno e lá são esquecidos. Salomão, ao fim da narrativa, começa a subir no morro mais alto do planeta de Faeton enquanto passa por um processo de envelhecimento que lhe faz crescer a barba e embranquecer seus cabelos. No fim, da narrativa, ele olha para a Terra e imagina os homens perdidos em suas transações comerciais e guerras, enquanto seus filhos descobrem a roda e trabalham juntos para a construção do novo mundo em Faeton.

O livro termina com a famosa frase “Os homens que se cuidem”, quando Salomão compara a posição acovardada dos homens na Terra com a força presente em seus filhos em Faeton, o planeta esquecido.

3. CAVALO LOUCO: *O sexo é um cavalo de crina solta*

O presente capítulo tem por intuito uma análise de viés materialista a respeito de como a questão da sexualidade e do fazer sexual são representados na obra de Aguinaldo, em especial nas relações que se dão no plano terrestre de sua obra. Tal análise tem como pressuposto o alinhamento de questões principalmente psicanalíticas a respeito daquilo que é chamado de perversões sexuais com fatores referentes ao contexto histórico da obra, como a questão do regime ditatorial militar, o então crescente mercado voltado ao público homossexual bem como a mentalidade cristã-conservadora pertencente a nossa comunidade daqueles dias e que ainda apresenta sua latência nos dias atuais.

3.1. O SEXO E O MERCADO ou *Quanto custa esse magnífico pernil de adolescente?*

Como dito anteriormente, é fato que tanto o Brasil quanto o mundo viram naquele início dos anos 70 uma profusão de obras e de criações artísticas que possuíam o indivíduo homossexual como objeto ou de escárnio ou de sexualização. O chamado *boom gay* parece ter encontrado origem na ânsia de nossa elite por consumir modismos estrangeiros que a fizessem se sentir tanto parte do mundo como também lhe dariam a ilusão de fazerem parte dos ares de libertação sexual que se popularizaram no hemisfério norte principalmente após a revolta de Stonewall nos Estados Unidos (TREVISAN, 2018, p.tal)

Além disso, o que parece comum a todas as produções que fizeram do homossexual objeto dentro da grande mídia de massa também parece guiar-se pelos aparatos daquilo que os estudos da sexualidade fizeram com aqueles indivíduos sexualmente desviantes da sociedade: sua transformação em personagem. É o que Borillo (2010) chama de *homofobia clínica*. Segundo o autor, nos anos 1920, os estudos científicos a respeito da sexualidade deslocaram o sexo entre homens da ideia

de “prática da sodomia” e passaram a tentar compreender a homossexualidade a partir de um ponto de vista patologizante. É por isso que passaram a procurar sinais corpóreos naqueles indivíduos homossexuais que aliassem à prática da homossexualidade com a degeneração física e psicológica.

A crença nas relações estreitas que se estabelecem entre o físico e o moral incentiva a forjar uma imagem feminina da nova espécie: o apreço por joias, o balanço do quadril, a maquiagem e os perfumes equiparam o “pederasta” à mulher. Aliás, com esta, ele compartilha os defeitos (sic): tagarelagem, indiscrição, vaidade, inconstâncias e duplicidade. (BORILLO, 2010, p.66)

É isso que parece ser descrito em uma das cenas mais fortes da primeira parte do livro de Aguinaldo Silva. Nela, o narrador descreve ser perseguido por uma sombra da qual não sabe mais se faz parte de sua sombra ou de sua carne. Seu corpo é então descrito enquanto um produto pendurado em um açougue onde senhoras compram parte de seu pernil a fim de servir no almoço semanal da Associação Comercial no restaurante *Mesbla*. O que Aguinaldo parece apontar é algo que, pelo menos nos produtos dos quais se teve acesso da época, é raro: a sinalização de que o sujeito homossexual em terras brasileiras, antes mesmo de tornar-se indivíduo, foi cooptado enquanto produto por um mercado em ascensão voltada a uma classe média que, em sua maioria, parecia compartilhar com os valores de uma classe média atual: o conservadorismo e a ânsia pela compra.

Na próxima esquina, tenho certeza que não me encontrarei. Minha sombra só consegue caminhar atrás de mim, me seguindo sempre ela acaba em mim integrada, mas sem que eu reconheça sua diferença de sombra em carne de verdade, vermelha, sangrenta a minha carne exposta no açougue, minha coxa esquerda pendurada por ganchos, meu pé, os dedos meios abertos, a unha brilhante, o sangue ainda pingando, bolsas se abrem e vozes perguntam: quanto custa esse magnífico pernil de adolescente? Sobre o cepo de madeira facas agem e cortam em cruz e rasgam depois a pele, o sangue esguicha sujando as mãos do açougueiro, cortam de minha coxa dois quilos e quatrocentos gramas, atiram na balança e embrulham depois numa folha de jornal.

E mais adiante vendem meu fígado, logo ali, o coração. As vísceras todas servirão para fazer uma apetitosa dobradinha a ser devorada pelos convidados da Associação Comercial no almoço semanal do restaurante *Mesbla*, e as vozes dirão sussurrando, *requiescat in pacem*, sem puto. (SILVA, 1975, p.16)

A imagem é forte e, também, pudera! A constatação de que uma sombra forjada que persegue o narrador e acaba integrada a sua carne, se vista do ponto de vista do consumismo nascente das questões homossexuais no Brasil, parece trazer um retrato cruel da existência homossexual brasileira. Antes de sujeitos, produtos. Antes de

peçoas, carne em exposição. A imagem da sombra poderia talvez ser vista enquanto a imagem caricatural feita a respeito dos indivíduos homossexuais nos aparatos da grande mídia. Quando colocada na confusão entre o que é sombra e o que é carne de verdade, o autor parece sinalizar uma fratura entre aquilo que se constitui enquanto identidade e aquilo que é forjado enquanto identidade a fim de manter a homossexualidade como um produto a ser consumido por uma classe média e elite ávidas por novos produtos no contexto ditatorial de consumismo crescente.

Mesmo a ordem na qual as partes do corpo do jovem são vendidas parece significar algo dentro do contexto do consumo presente na década de 70 no Brasil. Enquanto que a primeira parte do corpo vendida pelo açougueiro é a coxa, o que pode estar alinhado com a crescente erotização dessas figuras de sexualidade duvidosa na mídia, a segunda é o fígado, o que poderia estar associado com o ciclo de boates e entretenimento voltados ao público gay, também presentes nas obras de artistas como Darcy Penteado, Leci Brandão e Angela Ro Ro. Por último, o coração e as vísceras, que servirão como ingredientes para a dobradinha que servirá de alimento no almoço semanal da Associação Comercial no restaurante Mesbla.

As lojas Mesbla foram uma importante e famosa loja de departamentos voltada à classe média que se instalaria no Brasil a partir de 1912 e que em 1997 fecharia as portas em decorrência do alto valor de suas dívidas. Segundo o vídeo disponível no Youtube *Símbolos que morreram: Lojas Mesbla*, de 2014, as Lojas Mesbla “traziam ao país ares de primeiro mundo” (idem). Dessa forma, não parece coincidência que as vísceras da personagem homossexual do romance de Aguinaldo sejam devoradas pela Associação Comercial dentro do restaurante que existia em sua filial no Rio de Janeiro. Em outras palavras, se a questão gay chegou ao Brasil mais voltada ao consumismo do que necessariamente a uma pauta política, em parte porque tínhamos (e ainda temos) uma elite atrasada ávida por consumir e sentir-se parte do chamado primeiro mundo, parece simbólico que a personagem de Aguinaldo seja devorada enquanto prato tipicamente popular brasileiro pela Associação Comercial, que talvez represente um símbolo desta mesma elite, dentro do templo de consumo da classe média nascente.

Os sussurros de “resquiastat em pace, seu puto”, ao aliar a expressão latina com a expressão vulgar de troça destinada ainda hoje à homens gays parece dar o teor de crueldade presente na forma com que essa mesma elite via a questão gay no Brasil. Há ares de refinamento, mas o ódio permanece enquanto vocativo, sussurrado e sutil, o que talvez explique porque lá nos idos dos anos 70 como ainda hoje, o alto consumo e representatividade que a camada LGBT encontra dentro dos meios da grande mídia não fez e nem faz com que tanto a população encontre uma representatividade real dentro dos meios de poder como não faz com que o país deixe de ser líder em números absolutos da morte de LGBT no mundo.

Consumir não é o mesmo que tolerar e nem o mesmo que inserir, o que parece estar sinalizado no trecho já citado da obra do escritor pernambucano.

Além disso, o livro de Aguinaldo também retrata uma outra situação na qual os elementos mercado e sexualidade andam de mãos dadas no contexto homossexual no regime militar brasileiro: a prostituição. Como dito anteriormente, baseado nas anotações de Green (2000), o Brasil viu crescer o número de travestis e michês graças à desigualdade social que se acentuaria graças à política do Milagre Econômico implantada no começo dos anos 70, que faria crescer uma classe média com poder aquisitivo para pagar por serviços sexuais enquanto as classes mais baixas e os homens afeminados teriam na prostituição uma forma de se manterem vivos dentro do sistema. É o que parece guiar a personagem vendida no açougue que, logo antes, lamentava pela sina do prostituto que o havia fodido por uma quantidade tão irrisória de dinheiro.

Em dezembro vou tirar férias e viajar, cumprir longas noites e dormir com as pessoas que me amem por menos, por cada vez menos - ah, essa inflação, pagar sem ficar corado e ainda esboçar um sorriso de superioridade, pobre do prostituto que tão necessitado me fodeu. (SILVA, 1975, p.16)

O alinhamento entre as duas imagens, esta da personagem que pode tirar férias e lança um olhar de superioridade ao prostituto com a qual manteve relações sexuais e aquela em que é exposta no açougue e devorada pela Associação Comercial parece traçar uma imagem do que seria a realidade dos homossexuais de classe média dentro do contexto estudado. De um lado, o entendimento de que as políticas econômicas que

acentuaram a desigualdade propiciaram poder aquisitivo para que pudesse pagar pelos serviços do prostituto pobre ao mesmo tempo em que vê seu corpo, também como produto, exposto e devorado por aqueles que mais o detestam. Dois lados de uma mesma moeda que colocam ambas personagens na situação de produto, apenas separados por uma diferenciação de classe que permite serem consumidos por parcelas diferentes da população. Consumir os serviços sexuais do michê que cobra cada vez mais barato por seus serviços não o protege de também ser consumido enquanto prato popular pelas classes dominantes no país. Em outras palavras, a questão é apenas quem come e qual o preço a ser recebido. Não parece ser a toa que o narrador frise entre as duas imagens que a “consumação dos fatos é o teu Golgota, então não cumprirás com teu destino?”(idem).

Tal imagem traz uma questão que parece necessária e pertinente aos movimentos de libertação sexual daquele tempo e de agora. De um lado, o crescente aumento do ciclo de entretenimento e de consumo voltados ao público LGBT dão ares de uma possível libertação, e até mesmo servem de espaço mais ou menos seguro àqueles que, caso desempenhassem suas liberdades amorosas na rua ou em espaços públicos, encontrariam a violência tanto civil quanto policial enquanto algoz. Do outro, vem a compreensão de que esse mesmo circuito não serviu enquanto ferramenta de uma real inserção da camada LGBT na sociedade brasileira — como bem pontuavam as primeiras edições de *Lampião da Esquina* — nem fez com que os números de violência homofóbica e transfóbica diminuísse com o passar dos anos. Aqui, o conceito de *Indústria Cultural* de Adorno (1985) parece ser de fundamental importância para compreender essa dicotomia entre libertação e mercado, tão presente na nossa sociedade de então com a questão homossexual, e que hoje parece também dar seus passos dentro das comunidades minoritárias que garantiram maior poder de compra nos últimos anos.

Se o autor defende que a “indústria cultural sistematicamente promete aquilo que não consegue oferecer” (idem, p.04), não de se espantar que o crescimento de espécie de representatividade de homossexuais dentro da grande mídia, bem como sua

exploração enquanto público consumidor não serviriam enquanto ferramentas de libertação, mas sim enquanto ferramenta de uma ilusória liberdade. De alguma forma, a imagem vendida na mídia a respeito dos homossexuais — salvo algumas exceções, como o espetáculo *Dzi Croquettes*, que não sei se encaixaria dentro do que chamamos de grande mídia — não deixam de carregar aqueles caracteres já forjados e reiterados a respeito dos homossexuais pela homofobia clínica e pelos estudos científicos que aliam a prática da sodomia com caracteres físicos e com a degeneração psicológica.

São esses caracteres que talvez se transformem em sombra que persegue esse indivíduo na obra de Aguinaldo, reificada o bastante para que a sua presença seja confundida enquanto carne. E são esses mesmos caracteres que, ao alinhar-se com o que seria carne, faz do indivíduo homossexual também produto de exploração tanto midiática quanto de consumo.

Há quem lucre com os ares de libertação que nós parecemos carregar, e esses que lucram não parecem ter o medo de sussurrar seus próprios “resquiate em paz, seu putô” quando assim o precisarem.

3.2. O SEXO E A COMUNIDADE ou *Viver, senhoras e senhores, é sempre muito arriscado.*

O presente subcapítulo procura entender como se constroem as relações eróticas dentro da comunidade na qual o narrador presente no livro cresceu e teve suas primeiras experiências e experimentações em relação ao sexo. Tal período se encontra no capítulo “Rua do Cupim Revisitada” e as cenas descritas em tal período serão analisadas à luz do conceito de “aberrações sexuais” ou “perversões” de Freud, principalmente a partir das observações feitas por Muribeca (2009) a respeito da obra sobre a questão da sexualidade do autor.

Aqui, no entanto, creio que seja preciso abrir um parênteses para explicar que é do conhecimento dessa pesquisa que o conceito de “perversão” ou “aberração sexual”

sofreu significativas mudanças dentro da área da psicanálise desde a utilização por Freud no começo do século XX, como bem pontua Neto et Schimidt (2011), transformações essas que inclusive parecem se alinhar com as mudanças decorrentes do sistema capitalista e a incursão do corpo dentro das estruturas de produção e de fetichismo. No entanto, como o intuito deste subcapítulo não é a de garantir uma análise psicanalítica daquilo que é narrado no capítulo em questão de *Primeira Carta aos Andróginos*, o conceito de “aberrações sexuais” aqui será utilizado no conceito clássico proposto por Freud ao longo das revisões de sua obra *Três Ensaios sobre a sexualidade*, de ano 1905, não por entender nela uma espécie de veracidade dentro dos estudos da sexualidade, mas sim por compreender que parte do julgamento e da opressão lançados tanto sobre o narrador do texto quanto pela camada LGBT em si tem origens nesses conceitos, bem como a voga que tais conceitos certamente possuíam no contexto no qual a obra foi escrita, considerando que apenas em 1974, um ano antes do lançamento da obra, que a homossexualidade deixaria de ser considerada uma degenerência patológica pela *American Psychiatric Association* (idem, p.120).

Segundo Muribeca (2009), Freud classifica as perversões enquanto “transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual” (idem, p.118). Em outras palavras, o autor defende que Freud faz essa classificação não baseando-se em um julgamento moral sobre a transgressão dos aparatos de prazer, mas sim a partir da concepção a respeito do sexo enquanto “meio de reprodução” que parece guiar o entendimento majoritário a respeito do “fim útil” da sexualidade dentro da sociedade ocidental cristã, como também pontuam autores de diferentes visões sobre a sexualidade, como Marcuse (2013) e Foucault (2018). Dessa forma, a ideia de perversão aqui utilizada está mais ligada ao conceito clássico de transgressão do fim proposto ao sexo do que a sua concepção contemporânea conectada aos caracteres negativos da sociedade, como pontuam Mello Neto et Schimidt (2011).

Porém, talvez fosse importante ressaltar que não se trata propriamente de uma transgressão da função sexual, que é a de promover o prazer, mas sim de uma transgressão da lei, convencionada pela civilização, que elegeu a procriação como

função sublime da sexualidade. Pois sabemos que, quando as pessoas fazem sexo, não estão preocupadas com a perpetuação da espécie, mas estão buscando o prazer. (MURIBECA, 2009, p.118)

Introito feito, podemos deter-nos no capítulo em questão. “Rua do Cupim revisitada”, como o próprio título sugere, se constrói enquanto reflexão daquilo que foi vivido pela personagem-narradora dentro do contexto social, conservador e de classe média, apresentada na Rua do Cupim, rua real e ainda existente no Bairro dos Afritos da cidade de Recife, cidade na qual o escritor Aguinaldo Silva cresceu, dando indícios dos tantos traços biográficos que a obra possui. Com o pano de fundo deste local, são apresentadas tanto as primeiras experiências sexuais da personagem bem como daqueles que adentravam à puberdade junto dele, seu julgamento pelos comportamentos ditos “invertidos”, além das relações de erotismo que se desenrolavam entre o restante das personagens pertencentes àquele contexto, essas recheadas do conceito de “aberrações sexuais” já explanadas.

A primeira delas e talvez a mais latente — tanto no capítulo em questão como no decorrer de toda a obra — seja a da inversão. Freud defende que a inversão pode se colocar de duas maneiras: a absoluta, que é quando o objeto sexual é do mesmo sexo; ou os hermafroditas sexuais, que é quando o objeto sexual pode ser tanto de um gênero quanto de outro. Em termos menos patológicos, trata-se do conceito de homossexualidade e bissexualidade. Ainda segundo Muribeca (idem), Freud defende que alguns *invertidos* convivem de maneira pacífica com sua inversão, enquanto que outros convivem de maneira patológica.

É nessa segunda concepção que parecem se encontrar as relações homoeróticas descritas na passagem entre aqueles que não o narrador e seu amigo com o qual descobre o prazer, parte que será aprofundada mais adiante. O viés patológico parece ser o que une a personagem-narradora com Murilo Vilela, vizinho que clandestinamente pula o muro que separa os dois imóveis a fim de manter relações sexuais com o menino ainda em idade pubérea. Tal relação é patológica exatamente por alinhar-se com outras perversões descritas por Freud, como a pederastia (a união sexual entre adultos e adolescentes) e o sadismo, que se constitui enquanto o prazer sexual no desejo de infligir dor ou humilhação a outrem.

(...)você me deitava sobre o mato, sobre as pedras, dizia com seu hálito quente e sua voz enrouquecida - um dia você vai me prejudicar, vai desgraçar minha vida, *um dia ainda faço a você um mal irreparável*, mas você é assim, basta você olhar e eu já sei o que tenho que fazer como você quer, *quem diria garoto, que você tem apenas treze anos* - Murilo Vilela, agora você está sobre mim e com o rosto encostado no seu - *sua barba arranha meu nariz (...)* (SILVA, 1975, P;42)

Da mesma forma, o sadismo e seu reverso, o masoquismo, aparecem enquanto constituintes do prazer sexual de uma relação matrimonial pertencente à rua do Cupim: a relação matrimonial de Clotilde e Romeu. A família tradicional do bairro, que inclusive seria responsável pela denúncia e posterior acusação ao personagem narrador por emprestar livros indecentes à sua filha também eram responsáveis por um espetáculo descrito pela narrador enquanto um ato sexual, em que ele corre atrás dela com uma faca lhe gritando impropérios e ela foge. Aqui, se estreitam as relações de sadismo por parte dele e de masoquismo por parte dela, em que um se regozija ao humilhar e o outro encontra prazer na humilhação. O fato de tal ato ser praticado na rua, aos olhos dos outros, parece indicar o tom de outra das aberrações sexuais listada por Freud, segundo Muribeca (2009): o exibicionismo.

Além disso, mesmo a reação das outras mulheres da rua frente ao espetáculo provido por Clotilde e Romeu pareceu ser dotado de um erotismo voyeur também associado às aberrações propostas por Freud. O ato de “observar atos sexuais” (idem, p.118) aparece aqui na imagem das mulheres que, enquanto ocorre a perseguição ao casal, tapam os ouvidos ao mesmo tempo em que se esforçam para escutar todas as palavras proferidas e na ânsia para que o ato de assassinato enfim ocorra. O desejo da morte de Clotilde por elas se confunde com a pulsão sexual das mulheres a fim de que a rua fique coberta pelo sangue vermelho e vivo da senhora.

(...) e alimentando os prazeres mais profundos e secretos ao ver Clotilde perseguida em plena rua por Romeu que empunhava uma faca de cozinha e gritava em desespero - sua puta miserável, você estragou minha vida -, enquanto, por trás de todas as janelas, *as outras mulheres tapavam os ouvidos com força e faziam o maior esforço para ouvir, não perder uma só palavra, algumas até alimentando secretamente o desejo de que aquela faca fosse enfim cravar-se nas costas de Clotilde*, para que fosse possível a Rua do Capim se ver banhada num *mar de sangue vermelho, escuro, negro, uma poça coagulada em torno da qual policiais e repórteres organizariam seu festim*. Mas Clotilde, habituada a sobreviver, ainda daquela vez escaparia. E suas lágrimas seriam cada vez menos convincentes, e afinal, entre os dois estaria estabelecido um acordo em duas cláusulas: *você é a perseguida, eu sou o perseguidor. De hoje em diante será assim, em plena rua, que cumpriremos nosso ato sexual. Você corre perseguida por mim que*

empunho uma faca. Você grita e eu grito, até que nós sintamos a mesma onda gelada avançar por entre as pernas. Então, gozamos (SILVA, 1975, p.39. Grifos meus)

Uma análise de viés psicanalítico talvez pudesse apontar as relações entre a sexualidade latente das personagens pertencentes à rua do cupim e a pulsão de morte que parece engendrar essas relações. No entanto, o que parece claro a partir de uma perspectiva material histórica é a hipocrisia reinante em uma suposta classe média brasileira da época acerca das práticas sexuais. Em outras palavras, se Marcuse (2013) defende, a partir de Freud, que a genitalização da sexualidade serve a fins econômicos, é interessante notar como mesmo dentro de um contexto economicamente estável, a única forma de sexualidade julgada e condenada é a pulsão homossexual, enquanto as outras perversidades são diagnosticadas enquanto naturais. O fato talvez aproxime o trecho mais ao diagnóstico de Foucault (2018) do que de Marcuse nesse ponto, uma vez que o amaldiçoamento da personagem se dá mais pelo fato de ter inserido as crianças no bairro dentro do conhecimento sexual, na forma do livro *A carne* supostamente emprestado à filha de Clotilde, mesmo que a prática já estivesse corrente nos eventos feitos pelos meninos em que eles se apalpavam continuamente.

3.3. O SEXO E O REGIME ou *Duas horas, doze chicotadas*

Os recentes e acalorados esforços a fim de desvendar a cruel situação na qual a comunidade LGBT foi inserida durante os anos de chumbo do regime militar brasileiro parecem, enfim, ter encontrado seu fim. De alguma forma, os frutos colhidos por uma política torta e mal executada da lei da anistia fez com que nos víssemos finalmente deparados com aquilo de mais violento e ultrajante da época. O atual presidente bem como os setores abastados da sociedade que o apoiam descrevem o período militar enquanto oásis de nossa história, e conseguem ainda hoje utilizar dos aparatos que conseguiram formar a base que sustentaria o regime para com os setores populares da

sociedade, como o pensamento conspiracionista e o eterno e reciclado medo de um suposto ataque comunista.

No entanto, algo que os já citados esforços da Comissão da Verdade conseguiram alcançar foi tanto o profundo incômodo causado nesses setores (e todos nós sabemos o quanto o incômodo pode ser desesperadamente profícuo) quanto lançar luz sobre como eram tratados aqueles sexualmente desviantes nesse período nefasto de nossa história. Se, como já citei no meu estudo de 2017, as cartas enviadas ao jornal *Lampião da Esquina*, bem como sua reportagem a respeito do Cinema Íris, no Rio de Janeiro, dariam conta de mostrar como os militares conseguiram benesses financeiras sobre os ombros dos homossexuais frequentadores desses locais a partir dos embustes feitos, tais obras jornalísticas não retrataram necessariamente o processo de violência e tortura com o qual o regime por tantas vezes tratou os indivíduos LGBT naqueles anos de chumbo, fardas e dessa virilidade patológica e violenta.

Na obra de Aguinaldo, no entanto, é retratada uma cena de tortura sofrida pela personagem protagonista na mão dos policiais. Aqui, diferentemente de outros relatos, como o do jornalista e escritor também homossexual Fernando Gabeira em *O que é isso, companheiro?*, de 1979, ou das cartas presentes nas publicações de *Lampião*, a tortura sofrida por Davi-Salomão não se encontra necessariamente na busca por informações a respeito das organizações de esquerda nem parece ter ligação com os crimes de vadiagem como já relatado. Ao invés disso, a tortura perpetuada sobre a personagem Davi-Salomão parece ter enquanto ponto nevrálgico de sua motivação o exercício de uma espécie de sadismo, que aqui, inclusive, ganha contornos sensuais, por parte do policial em relação a personagem. É por isso que, apesar de a personagem explicar que seus documentos estão em dia e que é um trabalhador, o policial torturador utiliza o fato de “viado nasceu para apanhar” enquanto justificativa daquele ato.

Doutor, meus documentos estão em dia, eu trabalho, minha voz repetindo aflita ante a ameaça do chicote. Coisa nenhuma, seu puto, dobre a língua. A polícia como ensinava, seus alunos, eu, tanto aprendia (SILVA, p.94)

Pra isso, pra isso é que foi feito, seu puto, para apanhar, o policial diria no final da noite, tentando justificar as chicotadas extras que me daria, sua voz metálica, seu rosto de pedra - puto nasceu pra sofrer. (idem).

No estudo de 2017, defendi como a perseguição a homossexuais no período ditatorial teria a ver com as ideias de Marcuse (2013) a respeito da repressão sexual. Segundo o autor, o sistema capitalista faria seu controle sobre os corpos a partir do trabalho. Dessa forma, o prazer seria centrado na genitália, a fim de que as outras partes do corpo pudessem servir ao propósito da exploração pelo trabalho. Em suma, “o controle dos corpos e dos prazeres é necessário à perpetuação do sistema capitalista e, digo eu, parece mais ferrenha quando a sociedade se encontra sob regimes autoritários” (SANTOS, 2017, p.21). Tal consideração faz sentido se analisarmos a motivação de vadiagem apresentada para a apreensão de homossexuais e travestis nos registros jornalísticos de época, bem como o atual controle dos corpos e o medo de uma “sexualidade desvairada” imposta e alimentada pelo atual governo, este mesmo que faz de uma injusta reforma da previdência e a cassação de direitos trabalhistas sua bandeira principal.

No entanto, a cena de tortura descrita por Aguinaldo parece demonstrar mais do que a simples ideia de ameaça ao sistema produtivo encarnada nos indivíduos homossexuais, mas sim uma face mais obscura dessa violência, no seu alinhamento com a perversão do sadismo. Davi-Salomão é descrito enquanto sentindo-se como um Jesus Cristo crucificado, nas duas horas em que recebe doze chicotadas do policial. O número doze parece ter carga simbólica, tanto por ser “sem dúvida, um número que encerra uma grande carga simbólica, traduzindo, em todos os casos, expressões de perfeição” (MARTINS, 1999) quanto por serem doze as pontas da chibata que atingiu Jesus Cristo no episódio bíblico de sua crucificação.

Há algo, no entanto, de sexual na maneira com que a cena é descrita. A violência perpetuada contra a personagem não carrega nenhuma motivação a não ser o fato de que “puto nasceu para sofrer”, discurso presente tanto na fala popular como até mesmo já foi motivação do discurso do atual presidente da república, Jair Bolsonaro². A motivação, enfim, parece ser apenas o sadismo doentio e sexualizado do policial,

² “O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele. Olha, eu vejo muita gente por aí dizendo: ainda bem que eu levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem. A gente precisa agir”, disse o então deputado Jair Bolsonaro em um debate veiculado na TV Câmara em 2010.

sexualização essa que se faz presente nos toques fortuitos feitos durante a tortura ou no fato de o policial tirar a roupa de Davi-Salomão para que pudesse “gozar melhor” (p.93). Assim, tanto a motivação da tortura quanto o motivo do torturado parecem se encontrar dentro da noção da perversão nos termos de Freud, esta na homossexualidade, aquela no sadismo.

Por fim, a violência praticada contra a personagem é então descrita tanto enquanto motivo para o arrependimento pelas práticas sexuais ditas libidinosas quanto no reforçar do seu caráter de “puto”. A personagem que murmura não querer mais ser um putto durante as chicotadas encontra nesta a gravação na sua pele de sua condição. A violência aqui se mostra menos enquanto um castigo pelos atos e mais enquanto a absoluta reiteração do caráter submisso e menor da personagem sexualmente desviante. A passagem talvez explique como funciona a homofobia tanto institucional quanto popular no caso brasileiro, em que, mesmo que nunca tivesse existido uma lei específica e institucionalizada contra a prática da sodomia ou da homossexualidade, ainda é o palco dos maiores números de violência contra essa camada na sociedade. A violência dessa forma, é vista de forma naturalizada para com os indivíduos sexualmente desviantes, sendo as chicotadas e as cicatrizes descritas pelo narrador como atos e marcas de amor, sendo até mesmo todo o processo descrito enquanto uma “longa noite de núpcias em que o noivo incansável foi o justiceiro Araruna” (Silva, p. 96)

Lá fora, penso eu, há quem sintam-se protegidos ao pensar na palavra *polícia*. Mas lá fora de mim mesmo isso poderia acontecer. Mosquitos voam em torno, o chicote brilha lá atrás, sussurra *mensagens de amor* em direção a minha pele arrepiada. Não quero mais, nunca mais, ser putto, murmuro preso à minha dor, mas meu corpo reage num sinal de insatisfação. Mais uma chicotada que grava de vez na minha pele - e pelas costas - sou putto, mesmo, acabou. Mensagens percorrem meu corpo na ponta dos alfinetes, dizem lá e cá, aguenta mais um pouco, para isso foi feito (SILVA, p.94, grifos meus)

Ao final da tortura, a personagem é acolhida por Kátia da Lapa e outra figura sem nome, as duas “bichas-de-zona, das que a polícia prende diariamente para fazer a limpeza nos distritos” (p.96). Se a prática de recolher travestis para utilizá-los nos trabalhos domésticos era comum ou não durante o período militar não consta em nenhum documento oficial ou estudo do qual este estudo teve acesso, mas a Comissão

da Verdade e os estudos de Green (2000) e Trevisan (2018) mostram como a prisão sistemática de travestis era algo comum no regime, muitas vezes como forma de “higienização” dos perímetros urbanos. De qualquer forma, a presença de Kátia da Lapa, ao mesmo tempo que garante parte do cuidado da personagem torturada por Araruna, também é mais um sinal da naturalização da violência cometida contra a camada LGBT.

É a personagem quem cuida de Davi-Salomão e lhe cura as cicatrizes nas costas decorrentes do processo de tortura. De fato, é a única personagem que demonstra teor amigável e acolhedor para com a personagem protagonista, o que poderia demonstrar bem parte de uma história pertencente a camada LGBT pouco estudada que ainda é recorrente nos tempos contemporâneos : a solidão. Como explicita Silva (2016) em *Ditadura Civil-Militar no Brasil e a ordem de gênero*, a homossexualidade (e a separação entre homossexualidade e transexualidade não era tão forte e nem tão corrente na época) era um tema de desagrado tanto da esquerda revolucionário quanto da direita conservadora. Dessa forma, os agrupamentos homossexuais nos grandes centros urbanos citados por Marsiaj (2003) também se configurariam enquanto lugar de acolhimento para esses indivíduos muitas vezes relegados pela família e pela sociedade no geral.

Da mesma forma, considerando que os movimentos de libertação sexual ainda não haviam atingido seu início de organização na época da escrita e da publicação da obra, a naturalização da violência aparece enquanto fator da construção da homossexualidade no Brasil. É verdade que o tema já viraria assunto tanto em publicações exclusivas de colonismo social, como a revista *Snob* de 1962, até mesmo na grande mídia, com a inserção do grupo Dzi Croquettes no âmbito artístico em 1972 e do grupo Secos e Molhados em 1973. No entanto, se como pontua o Green (2000) bem como Trevisan (2018) sobre a maneira muitas vezes festiva e até mesmo elitista com que a homossexualidade era veiculada nesses meios, a violência sofrida pela comunidade era assim escondida e mascarada, entendida enquanto processo social natural da comunidade. Não é a toa que Kátia da Lapa bloqueie o grito de terror que

seria dado por Davi-Salomão quando este recobra a consciência a fim de evitar que lhes deem um sumiço.

4. GUERRA EM TRÂNSITO: *amaldiçoado seja o vosso nome*

O presente capítulo tem por objetivo uma análise das simbologias presentes na obra de Aguinaldo, em especial a partir da segunda metade do livro. Parte do esforço se dá porque a estética utilizada pelo autor pernambucano não poderia ser descrita enquanto uma literatura de fácil digestão ou entendimento, aproximando-se muito das noções do que Robbe-Grillet(1957) constrói enquanto *Novo Romance* ou *Nouveau Roman*.

Segundo o autor, o *nouveau roman*, ou *novo romance*, seria uma evolução do romance de cunho realista instaurado por nomes como Honoré de Balzac e Gustav Flaubert, uma vez que o próprio romance realista não deixa de ser uma evolução das formas de narrar que o antecederam, como, por exemplo, o poema épico. Por isso, defende que o gênero romanesco deve evoluir na maneira com que representa o mundo, se quiser manter-se enquanto forma viva e que dê conta dos anseios da sociedade a qual pertence. Dessa forma, ele destrincha os elementos pertencentes ao que chama de romance realista, como a questão dos personagens, da cronologia e do enredo. Sobre o primeiro tópico, por exemplo, defende que o romance de personagens é algo pertencente apenas ao passado, caracterizando o que chama de *era do apogeu do indivíduo*. Se tal era alguma vez se viu morta ou não, não parece ser a questão, mas, de fato, a maneira com que a sociedade lidou e lida com sua individualidade e seus indivíduos modificou-se com o decorrer dos anos, o que, segundo o autor, deveria transparecer no romance.

Da mesma forma, a maneira com que o romance realista lida com o seu enredo e com a cronologia dos fatos narrados parece ao teórico já descolados do cenário contemporâneo com o qual convivia. Segundo ele, os elementos técnicos da narrativa, como o emprego do pretérito perfeito, da terceira pessoa bem como a construção linear da narrativa e das tensões, entre outros aspectos, servem para “impor a imagem de um universo estável, coerente, unívoco, completamente decifrável” (idem, p.37). Ao invés disso, o autor defende que a própria construção das narrativas e dos fatos obedeça à

percepção da sociedade frente ao mundo moderno que então se desenrolava. A confusão aparente deste tipo de narrativa, antes de ser um sinal de “vanguardismo” — conceito do qual o escritor sistematicamente se afasta — não é nada mais do que a própria confusão pertencente à percepção do homem para com o mundo ao seu redor. Em outras palavras, se o romance é representação da realidade e do homem, e a realidade do homem e sua percepção da realidade não obedecem linearidades e cronologias, o romance deveria conter tal incongruência dentro da sua forma romanesca.

Se o leitor tem algumas vezes dificuldade em se encontrar no romance moderno, é da mesma maneira que se perde algumas vezes no próprio mundo em que vive, quando tudo das velhas construções e das velhas normas cede à sua volta (idem, p.143)

De fato, se parece impossível enquadrar o romance de Aguinaldo dentro dos paradigmas que formariam o romance realista balzaquiano, bem como, apesar do título, a pecha de “romance epistolar” também não se encarrega de descrever aquilo que a que o romance se propõe, as noções propostas por Robbe-Grillet (1965), apesar de bastante abstratas, parecem dar conta de descrever até mesmo a suposta incoerência e confusão presente na narrativa de *Primeira Carta aos Andróginos*. Se considerarmos a gravidade e as inovações sociais e políticas que rodeiam a produção e publicação da obra de Aguinaldo, tanto no sentido político geral quanto dentro dos ambientes organizacionais da camada homossexual no Brasil, a busca por uma nova forma de narração parece fazer sentido dentro da busca estética do autor. Se “cada romancista, cada romance, deve inventar a sua própria forma” (ROBBE-GRILLET, idem, p.13), faz sentido que Aguinaldo tenha escolhido uma forma dissociada dos modelos clássicos e pré-estabelecidos para representar uma realidade que, até então, historicamente, não havia recebido a atenção e o trato ideais dentro das artes literárias brasileiras. Em outras palavras, se a forma romanesca não havia alcançado nenhum grande feito na representação da homossexualidade — salvo, talvez e com ressalvas, *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha — não é de se estranhar, nem no contexto e nem na trajetória de Aguinaldo, um projeto com ares megalomaniacos a fim de exprimir tanto uma temática quanto uma forma que dê conta da experiência homossexual no Brasil daqueles anos de chumbo.

Além disso, se o “Novo Romance não é uma teoria, mas uma pesquisa” (ROBBE-GRILLET, 1957,p.143), a obra de Aguinaldo mais uma vez parece se enquadrar dentro do termo proposto. Como visto no capítulo anterior, são várias as relações sociais e políticas envolvendo sexualidade que se espalham ao redor do romance, bem como várias vertentes dos estudos referentes ao tema que servem enquanto mote dessas representações na obra. Além disso, o próprio texto pertencente à orelha de capa da edição — sem assinatura ou autoria clara — deixa clara a intenção da escritura do romance pelo autor a partir da ideia de “estudo” ou “ensaio”. É impossível traçar de quem é a autoria pelo texto explicativo, mesmo que a semelhança de estilos e um conhecimento básico sobre a realidade editorial no Brasil pareçam indicar que é do próprio escritor pernambucano, o que, de qualquer forma, ajudaria a traçar pelo menos as suas intenções na feitura do livro.

Neste seu romance, que bem mesmo pode ser classificado no compartimento estanque que é o gênero - seria também, um ensaio -, Aguinaldo Silva, sem citá-los diretamente, solicita, em sua tentativa de reabilitar o assunto, o depoimento de vários cientistas: dos clássicos Freud e Jung, aos contemporâneos e respeitados Konrad Lorenz, Desmond Morris, Ford Beach, Melanie Klein, Levy-Strauss, passando até mesmo pelos existencialistas Sartre e Beauvoir (...) (orelha do livro)

Por fim, se o “novo romance só visa uma subjetividade total”(idem, p.149) em que mesmo as sucessão da descrição dos objetos passa pela visão de um homem “*sempre* comprometido (...) numa aventura passionnal das mais obsidiantes, a ponto de muitas vezes deformar sua visão e produzir ideias quase delirantes”(idem), a narrativa de Aguinaldo parece formular bem a ideia dentro da maneira com a qual sua personagem narradora se relaciona com o mundo a sua volta. Sua visão a respeito das mais variadas situações por vezes se confunde dentro de ideias delirantes em que a realidade se mistura com fantasias, alegorias e imagens, como visto nos excertos abaixo.

Minha sombra só consegue caminhar atrás de mim, me seguindo sempre ela acaba a mim integrada, mas sem que eu reconheça sua diferença de sombra em carne de verdade, vermelha, sangrenta a minha carne exposta no açougue (...). (SILVA, 1975.p.16)

EIS a mãe: alta magra, uma malha negra lhe cobre o corpo. Nas mãos tem luvas da mesma cor, elas seguram um longo chicote de fina ponta. Nos pés, botas de salto altíssimos e bicos longos. (...) A mãe, seus gatos encantados lhe passeiam pelo corpo, as finas garras reproduzem sons de piano enquanto ferem irreversíveis, fazem surgir rugas as garras e os gatos sorriem erguendo as caldas e se espreguiçando, mas a mãe, indiferente, prossegue dizendo suas coisas de sempre (...). (idem, p.63)

Dessa forma, compreendendo que a noção do Novo Romance é um conceito espinhoso dentro de uma análise crítica literária, é objetivo deste capítulo traçar as simbologias utilizadas pelo autor, sua construção de personagens e narradores, bem como o aparato mítico pertencente às imagens utilizadas no decorrer da narrativa. Para isso, o capítulo se propõe a entender a relação entre os dois irmãos que formam a personagem-narradora do romance e as etapas da viagem a Faetonte, os monstros que povoam tanto o imaginário do autor na Terra e que serão, por fim, derrotados no novo planeta, bem como a construção desse novo planeta presente no último capítulo do livro.

4.1. DAVI E SALOMÃO ou *Vamos dar outra fodidinha?*

De acordo com Robbe-Grillet (1957), o “romance de personagens pertence inteiramente ao passado, caracteriza uma época a que marcou o apogeu do indivíduo” (p.38). Dessa forma, apesar de a suposta *época do indivíduo* parecer nunca ter sido totalmente superada ou, de fato, algo do passado, é interessante notar como a construção da personagem protagonista de Aguinaldo não passe pela construção de um indivíduo homossexual, mas sim a partir da dualidade de duas personas: Davi e Salomão. “Por ser meu nome Davi, ao mesmo tempo que Salomão, os dois sendo filhos de Israel” (SILVA, 1975, p.47), explica a personagem-narradora, mostrando a dualidade que perpassa a construção da personagem, bem como sua origem comum.

A trajetória das duas personagens tem parte do seu ápice e enquanto catalisadora da viagem que farão no decorrer da segunda parte do livro o julgamento pelos seus atos imorais e pecaminosos. “Salomão-Davi tornou público seu pecado, cometeu este crime. Isolemo-lo agora, faça-lo sozinho. Marquemos a ferro nos seus braços o nome deste pecado - Sodomia” (SILVA, 1975, p.50), se faz sua sentença, mostrando que parte da gravidade do pecado de Salomão-Davi não passa

necessariamente pelo ato em si, mas pelo caráter público daquilo que expõe. Aqui parece latente a noção que Marcuse(2013) entende a partir de Freud sobre as perversões. Segundo ele, “organização social interdita como perversões praticamente todas as manifestações que não servem ou preparam a função procriadora”(Ibidem, p.37). Dessa forma, uma existência pública de indivíduos que vivem sob a prática de sodomia parece ser danosa à estrutura social defendida pelo grupo de tantos juízes que compõem o julgamento do Salomão-Davi, tal qual defendo em estudos anteriores a respeito da homossexualidade dentro do regime militar brasileiro.

Se assim for, a homossexualidade enquanto comunidade se apresenta como perigo, afinal, o entendimento de que existam indivíduos que não se adequam às estruturas de procriação e guiam seus instintos pelos próprios prazeres seria danosa e contrária à proposta capitalista, especialmente à modernização autoritária implementada pelos militares. (SANTOS, 2017, p. tal)

É, no entanto, a sentença da personagem que coloca em paradigma a noção da tese de repressão defendida por Freud e posteriormente, Marcuse(idem). A marca feito a ferro que indica a prática da sodomia parece se enquadrar dentro do que Foucault(2018) chama de *aparatos da sexualidade*. É como se o episódio do julgamento demonstrasse o que o autor francês entende enquanto a transição da época de repressão sexual para uma em que a tentativa e os estudos da sexualidade se multiplicaram, procurando também formas de compreender como o então pecado da sodomia também se traduzia a partir das questões psicológicas e físicas. A sodomia passa de ser uma prática e se transforma em taxonomia, parte do indivíduo. Em outras palavras, a homossexualidade passa a ser de uma prática para um fator de construção de uma personagem, dando origem a que o Borrillo (2010) chama de *homofobia clínica*.

Do mesmo modo que a teoria contemporânea do darwinismo social serviu, conforme sublinha G. Chauncey (1985), para legitimar o racismo e o colonialismo, ao defender a ideia de uma hierarquia racial do desenvolvimento social baseada na biologia, assim também as primeiras teorias sexológicas justificaram a subordinação das mulheres ao afirmar seu caráter biologicamente determinado; e, paralelamente, em razão de seu destino anatômico, os homossexuais acabaram sendo situados em uma posição marginal no âmbito da "hierarquia sanitária" dos sexos e das sexualidades. (idem, p.65 e 66)

Dessa forma, enquanto parte da sentença dos irmãos se traduz enquanto uma marcação permanente em seus corpos dos atos ditos perversos praticados, a segunda parte da sentença se traduz enquanto exílio para com o resto da humanidade. De

acordo com os estudos de Marsiaj(2003) e Green (2000) a década de 70 seria marcada tanto por um crescimento das comunidades homossexuais nos centros urbanos, bem como, no decorrer da década, um crescente circuito de entretenimento homossexual nesses mesmos centros, criando espécie de “gueto homossexual” contra o qual os movimentos políticos que surgiriam no decorrer dos próximos anos iriam se opor veemente, como o periódico *Lampião da Esquina*, do qual Aguinaldo faria parte (Santos, 2017). Em outras palavras, se no livro de Aguinaldo, Salomão-Davi é sentenciado pela sua exclusão da sociedade terrestre, faria sentido que a imagem criada pudesse demonstrar tanto a patologização histórica das práticas homossexuais como seu enclausuramento dentro de espaços específicos dentro da sociedade.

Assim, é no diálogo entre as duas partes da personalidade dual da personagem narradora que se sucede ao julgamento, no momento que em que estão em trânsito para o planeta Faeton, que a cisão entre as duas visões políticas a respeito da homossexualidade se colocam em questão. O diálogo se constrói em discurso livre, sem marcação de personagens ou de fala, em que cada parágrafo parece ser proferido por uma persona dessa identidade. Trevisan (2018) no clássico *Devassos no Paraíso* quando fala do começo dos movimentos de organização homossexual no país, explica as diferentes vertentes e formas de compreender a sexualidade dentro do país. De um lado, aqueles que entendiam e buscavam uma forma de exprimir sua sexualidade de maneira livre e sem amarras, mais voltada ao prazer individual, enquanto a outra, de teor mais engajado, se perguntava se o tópico da sexualidade seria uma questão válida, uma vez que era considerada secundária dentro do contexto ditatorial em que o país se encontrava (idem, p.35)

Da mesma forma, a discussão que se prolonga entre os dois irmãos parece construir-se enquanto uma discussão entre o prazer individual e a luta coletiva. Nela, Davi, ironicamente o lado esquerdo da face da personagem, parece voltar-se ao lado do prazer individual, das orgias, do submundo noturno enquanto Salomão demonstra faceta mais engajada, reflexiva e consciente em relação aos problemas políticos da camada homossexual no Brasil. A diferença pode ser vista no excerto abaixo, com

marcações minhas sobre a autoria da enunciação em cada diálogo, em que Salomão fala sobre sua busca pela verdade, bem como comenta sobre as abordagens policiais já tratadas em Santos (2017) a partir das cartas enviadas ao *Lampião da Esquina*, enquanto Davi demonstra seu desejo de permanecer atado aos prazeres individuais da carne.

(...) Saías, Davi, de magrugada, pulava as janelas, e eu no teu rastro seguia. Mas aos poucos sabendo, o mistério, a verdade da noite não era aquela que nós pela cauda segurávamos. Devia haver mais, e nós lá chegaríamos se fosse possível caminhar, se não nos detivessem a cada esquina, os policiais pedindo documentos. Lembras a névoa da qual víamos todas as coisas? E os rostos, que jamais se abriam como romãs, que não nos deixávamos ver seus caroços. Prosseguir, então, vivendo essa farsa? Tratava-se de procurar a verdade, de encontrá-la, de expô-la como uma enorme ferida de encontro à face da Lua. (Salomão)

eu, por mim, preferia continuar dando o cu, (Davi)

Mas Davi, meu irmão, estás errado se pensas que dessa maneira ficas livres. Escolhe o teu parceiro, segura as armas e luta, mas não te entregues a esta ilusão, caís no escuro (Salomão).

(SILVA, ano, p.59, indicações minhas)

Além disso, outra forma de discussão também parece presente no texto acima. Se como dito acima o contexto histórico era de uma criação de circuito de entretenimento voltado a homossexuais dentro dos grandes centros urbanos, e se considerarmos que publicações até mesmo anteriores a *Lampião*, como a *Snob* e o *Gente Gay* teriam como uma consequência indireta pelo menos a oficialização dos locais de pegação e encontros clandestinos entre homens, a discussão que parece se desenrolar entre os dois irmãos também fala sobre a possibilidade de encontrar libertação e felicidade dentro desses espaços. Em outra palavras, se três anos depois o periódico *Lampião da Esquina* iria empunhar enquanto bandeira central a retirada dos homossexuais da grande categoria que chamava de gueto (Santos, 2017), Aguinaldo colocava a discussão sobre a impossibilidade de uma libertação que não passasse pela real inserção daqueles sexualmente desviantes na sociedade em meados dos anos 1970.

Até mesmo a prostituição que, como já dito, aumentaria no período graças ao aumento de desigualdade social fruto do milagre econômico aparece enquanto tema da discussão travada pelos dois irmãos. Como já dito por Green (2000), a prostituição era

muitas vezes a única opção dos homens ditos afeminados, uma vez que esses teriam dificuldade em encontrar emprego dentro dos aparatos formais de trabalho. Aqui, é interessante perceber como o fator performático dos estereótipos de gêneros são importantes dentro dos aparatos de opressão e segregação daqueles sexualmente desviantes no Brasil, que na época ganhava contorno nos termos de Fry (1982) para homens e bichas e que atualmente se refere na dicotomia entre afeminados e discretos que hoje povoam os aplicativos de encontros voltados a homossexuais. Tal constatação fica clara quando Davi comenta sobre os homens que viu no salão de julgamento e que já o haviam fodido, e a incapacidade do seu corpo de “guardar segredos” (p.57).

Dessa forma, Aguinaldo constrói a partir da persona de Davi uma representação daquele homem afeminado que, mesmo dentro de uma casta já considerada subalterna dentro das estruturas sociais, ainda encontra na prostituição única maneira de se manter vivo e conseguir, de alguma forma, alguma espécie de status. Por outro lado, Salomão se constrói enquanto voz política que vê com espécie de problematização a maneira com qual a prostituição — ou até mesmo a busca incessante pelo prazer —, apesar dos ares de libertação que parece possuir, torna-se uma espécie de ferramenta de manutenção de uma existência subalterna e escravizada.

Eu empunhava o escuro, erguia-o como uma tocha. *Pretendia fazer carreira através dele*, exibi-lo nas praças entre sorrisos e matraquear de dentes, o escuro, vejam como ele se arma e como é belo, os vermes pululam no seu ventre e aranhas lhe são cuspidas pela boca e nós, seus filhos, como gozamos. Não queria outra coisa senão estar dentro dessa escuridão crucificado (Davi)

Mas também aí erravas. A escuridão te engolfava, verdade é essa, e não te tornavas senhor de nenhum domínio, *escravizado estavas*. Seria preciso romper as barreiras, procurar o que estava mais adiante, não se conformar com isso e ir além, até o fim que seria apenas o começo. Davi, estavas errado, ai como seguia torto nos caminhos mais retos e *como te perdia nas esquinas* (Salomão)
(idem, p. 59, grifos meus)

Assim, o contexto que se desvela dentro do capítulo mostra o embate entre duas vertentes que pensam a sexualidade e quais as formas de luta e sobrevivência dentro do contexto de alto conservadorismo moral e social dos anos 70. De um lado, Davi representa uma vertente dita mais retrógrada a partir das ideias de Fry - o chamado

sistema hierárquico - enquanto Salomão representa uma versão entendida enquanto mais progressista a partir dos estudos desse mesmo autor. Tal embate daria de alguma forma o teor das discussões que se dariam entre os grupos de homossexuais masculinos no decorrer da década, em que a vertente dita *entendida* compreende que a vertente das bichas joga o jogo dado pelo sistema, uma vez que esta abraça a pecha de anormalidade imposta pelo discurso médico e social, aceitando os espaços pré-estabelecidos de tolerância.

De fato, o discurso e ponto de vista proposto por Salomão tem muito do que seria a discussão política dos movimentos de libertação homossexual no Brasil da década de 70. Enquanto Davi entende a apropriação da violência e do discurso a respeito da homossexualidade enquanto bandeira e possibilidade de busca para o prazer individual, Salomão questiona qual papel é colocado socialmente para aqueles indivíduos sexualmente desviantes, com seus os artefatos de consumo, de beleza e também com as áreas de trabalho destinadas ao grupo. Da mesma forma, os movimentos que surgiram e se consolidaram no Brasil possuíam como bandeira principal a luta pela saída de um gueto social e de consumo destinado aos homossexuais, especialmente antes do surgimento do vírus do HIV, esse complicador.

Então, visto pelo olho da rua, entravas no esquema: maneava os quadris, erguias as mãos em passos de farsa, suspiravas como só os veados o fariam, se o pudessem fazer. Logo uma multidão em torno de formavam, diriam, vê só como ele é diferente de nós, te aplaudiriam. Te arranjariam um emprego bem do teu agrado, o de desenhar vestidos, o de alisar cabelos, o teu nome impresso em chumbo, até sairia no jornal, lindo-de-morrer. E tu, a partir de então, Mare Nostrum, o das Tormentas: um vasto gramado onde gordas vacas malhadas eternamente pastavam. (SILVA, p.79)

O fato de ambos discursos serem parte de um mesmo personagem dividido parece esclarecer bem a construção de uma homossexualidade organizada da época e de seus grupos, bem como a relação com uma suposta inserção que se desenhava no contexto histórico. Se, como já dito, Trevisan (2018) esclarece como a pauta da homossexualidade entrou em terras brasileiras a partir de uma vontade de consumir por parte de nossa elite, faz sentido que a personagem se encontre dividida entre a promessa de uma aceitação ou tolerância via exposição do exótico e o questionamento se esse tipo de inserção é benéfica ou objetificante de uma classe de indivíduos. A

posterior narrativa que Salomão, que conta a respeito da tortura sofrida pelos militares, mostra a dicotomia presente na sociedade de então, bem como explica a dicotomia presente na personagem homossexual da época.

De um lado, o mercado midiático se abre em aplausos para a exibição de uma sexualidade fluida e expositiva, o que poderia ser explicar o estrondoso sucesso que figuras como Ney Matogrosso ou Clodovil faziam na época. Do outro, a violência praticada pelo regime. É perceptível, no entanto, a partir do discurso de Salomão uma via crítica a esse mercado então crescente.

Não parece coincidência, assim, que a mitologia hebraica utilizada para descrever as duas personas da mesma personagem. Segundo o texto bíblico, Davi foi rei de Israel durante trinta e três anos, o mesmo número de anos que a personagem de Aguinaldo possuía quando foi posta em julgamento (Silva, 1975 p. 50). Mais do que isso, Davi é construída no texto bíblico enquanto personagem dúbia politicamente. Para além das aventuras pré-monárquicas do rei de Israel e sua famosa história de vitória contra o gigante Golias, Davi é construído no texto de Samuel enquanto um exímio estrategista político, seja na forma com que luta pela coroa do reino ao mesmo tempo que mantém o respeito pela autoridade do então rei Saul, seja na forma com que consegue negociar os interesses tanto dos filisteus, povo inimigo de Israel do qual era vassalo, e ao mesmo tempo consegue manter boas relações com o povo israelita, como bem frisa Alter (1997).

Se Davi alguma vez previu que a coroa passaria para ele mesmo, pensou em meios pacíficos, ordeiros e constitucionais. Do contrário, não seria um trono digno de posse. O ciúme e a suspeita de Saul em relação a Davi, a fuga de Davi para o exílio, o curso das guerras filisteias e a aversão final a Micael, tudo isso impede que essa situação mais idílica se desenvolva, mas o papel formativo dessa fantasia na imaginação política de Davi é fundamental para nossa compreensão dos livros de Samuel. (idem, p.144)

Enquanto isso, Salomão, o filho de Davi cuja ascensão ao trono se faz por uma promessa feita pelo pai e que governa com relativa hegemonia e prosperidade, é descrito enquanto “receptáculo de louvor e honra de Deus e do homem, e a força controladora por trás de um rico império que não conhece ameaças à sua prosperidade”(p.171). Mais do que isso, uma característica fundamental que percorre a narrativa de Salomão é, além da sua prosperidade (que até hoje é usada pelos meios

mais conservadores e charlatões das denominações neopentecostais enquanto promessa de riqueza material via processos divinos) sua sabedoria. Tal qualidade pode ser exemplificada a partir do famoso episódio das duas prostitutas, em que a partir da ameaça de cortar um bebê ao meio, consegue descobrir qual das duas é a real mãe da criança.

Dessa forma, o alinhamento da imagem de Davi com a persona voltada aos prazeres individuais e a de Salomão com a persona voltada à formação de uma consciência homossexual não parece coincidência. Em outras palavras, se considerarmos que as dois lados da mesma personagem representam as duas vertentes distintas de comportamento homossexual exemplificadas — de uma maneira um tanto simplória, é verdade — pelo já citado Fry (1982), Davi representaria bem o modelo hierárquico com a uma política de conciliação de interesses, o que explicaria as tantas vezes que o Salomão de Agualdo o acusa de trabalhar a favor do sistema. Por outro lado, a figura de Salomão representaria o chamado modelo igualitário, caracterizado pela sabedoria e pela prosperidade da promessa de um movimento de conscientização homossexual que no Brasil engatinhava, mas que já mostrava sua força mundo afora.

A simbologia de Davi e Salomão, no entanto, parece demonstrar que existe mais do que o simples oposição de pensamento entre as duas vertentes. Se considerarmos que no texto bíblico, o reinado de prosperidade de Salomão jamais seria possível sem as diversas batalhas lideradas pelo seu pai e que Davi também é visto enquanto o “arquiteto ideológico” do templo que levaria o nome do filho e seria considerado um de seus maiores feitos, há uma espécie de respeito com a figura dos andróginos que mais tarde seria atacada por alguns setores da construção política homossexual no contexto histórico e social do qual a obra é fruto. Em outras palavras e de maneira simplista, a escolha de duas personagens bíblicas que representam a continuidade de um reinado demonstram que mais do que a simples oposição de ideia, Agualdo talvez estivesse sinalizando que sem a linha de frente daqueles que lutaram pelo prazer individual e que

foram acusados de trabalhar a favor do sistema, não poderia existir um momento de reflexão e nem de organização proposto pela persona Salomão.

Aguinaldo, no entanto, parece traçar o caminho da continuidade. De maneira talvez um tanto positivista em relação ao contexto, é a conjunção carnal e espiritual feita pelos dois irmãos que garantiria a entrada da personagem protagonista em Faeton, o planeta esquecido. A aparente vitória da persona de Salomão sobre a de Davi, mais do que uma vitória necessariamente dita, representaria também a união das duas vertentes (ou de todos os homossexuais) pelo eixo que propõe: mais do que o alcance dos prazeres individuais, uma reflexão acerca desses prazeres e da relação destes com a sociedade que os rodeia. É a partir dessa junção que a personagem pode, enfim, livrar-se das culpas e dos castigos infernais e assim apropriar-se e explorar o planeta que serviria de exílio.

Levanto o corpo, caminho com cuidado até a vigia, olho e lá fora: está mais próximo, o exílio, quase posso ver a conformação dos mares, dos oceanos. Volto-me e encaro o interior dessa nave espacial onde travamos nossa última luta, essa da qual finalmente um vitorioso pôde colher os despojos. Volto-me sobre mim mesmo, volteio o corpo, ergo os braços e sinto vontade de cantar uma canção de vitória. O tempo corre devagar, seu ruído de areia escorrendo chega ao meu ouvido ditado pelos fios do milênio. Não há mais céu ou inferno, e nem castigos corporais que me aflijam (...) Agora sou realmente um só, o mais forte, aquele que pode dizer sem medo e responder quando perguntado - EU (Silva, p.106)

Dessa forma, as etapas da viagem que levam a personagem principal ao seu exílio representam primeiramente o choque entre duas vertentes pertencentes a época a respeito da construção de uma homossexualidade consciente e combativa, bem como uma posterior e possível união que pudesse garantir espécie de libertação da personagem. A utilização da mitologia hebraica e sua aliança com a construção de uma linha sucessória e monárquica da terra de Israel parece dar ares quase messiânicos, como se a passagem carregasse em si também a mitologia da chegada de uma nova terra prometida, uma sem pecados e nem castigos, distante das vicissitudes e julgamentos cristãos em que a prometida liberdade, tanto sexual quanto individual, poderia ser, enfim, alcançada e coletivizada, como veremos adiante.

4.2. OS MONSTROS ou *Vê o mundo em torno, meu caro animal, como está cheio de monstros.*

Uma figura recorrente na narrativa de Aguinaldo é a dos monstros, que acompanham a personagem principal na sua trajetória terrestre e que encontram seu fim em Faetonte, na parte final do livro. São quatro os monstros que visitam a personagem, número deveras simbólico, se considerarmos a tradição judaica que acompanha a narrativa de Aguinaldo. São quatro os evangelistas que narram a trajetória de Cristo, quatro as bestas vistas pelo profeta Daniel no livro dos reis e, por fim, quatro os cavaleiros e cavalos do livro do Apocalipse (Martins, 1999, p.70), livro sobre o qual essa análise pretende se ater com mais afinco.

Além da questão numérica, outras questões parecem alinhar a passagem dos monstros presentes na narrativa de Aguinaldo mais com o livro do apocalipse do que com as bestas de Daniel, outra interpretação possível, se o número de monstros for contado enquanto único fator de interpretação. O fato é que o livro bíblico, além do caráter apocalíptico do caos e do medo, também é descrito enquanto livro da revelação. Tal interpretação faz sentido se considerarmos o papel de certa forma pedagógica que os monstros desempenham na narrativa em relação ao entendimento sexual de si próprio pelo qual passa a protagonista da obra de Aguinaldo, como pontua Maia (2016)

Na narrativa de Aguinaldo Silva, o reconhecimento do corpo andrógino que é o outro do corpo “normal”, é marcado por uma alteridade radical do corpo do personagem representado pela metáfora do monstro, esse ser abjeto, que assombra a conversa com o personagem durante os momentos de sua autodescoberta. Essa metáfora parece ser bastante adequada e contundente para marcar o lugar de abjeção desse corpo cuja identidade perturba a ordem (idem, p. 04)

Assim, os quatro monstros que aparecem na narrativa de Aguinaldo representam a mudança de consciência e o autoconhecimento que a personagem consegue adquirir a partir da descoberta de seu próprio corpo e sexualidade. Além disso, considerando que quando “Aguinaldo dialoga com o texto bíblico, não o faz numa correspondência

direta, mas sim, propondo uma inversão, uma subversão” (ibidem, p.04), faz sentido que a escolha dos quatro monstros bem como suas caracterizações. Como dito anteriormente, o número quatro possui relevância dentro da narrativa bíblica, figurando diversas vezes enquanto fator quantitativo dentro da obra judaica, como nos “quatro ventos”, os “quatro cavaleiros” e seus “quatro cavalos”, os “quatro cantos da terra”. No entanto, é com os seres angelicais, os quatro querubins ou quatro animais viventes, que os monstros de Aguinaldo parecem fazer relação direta.

Na narrativa do apocalipse joanino, são quatro os querubins ou seres viventes que, juntamente aos vinte e quatro anciãos, circundam o trono e fazem cânticos em homenagem ao senhor. São esses animais que, um a um, chamam os cavaleiros do apocalipse e seus cavalos. Na obra de Aguinaldo, os monstros não são delimitados necessariamente de acordo com as características presentes dos animais bíblicos, mas possuem detalhes que poderiam traçar um grau de comparação. Por exemplo, o primeiro animal descrito no livro bíblico possui uma cabeça de leão, e é ele quem liberta o primeiro cavaleiro do apocalipse, de cor branca e representando, segundo o Martins (1999), a vitória. Da mesma forma, o primeiro monstro na narrativa de Aguinaldo encontra o protagonista em seu quarto, quando prostrado sobre seu armário. É descrito, tal qual um leão seria, com uma longa juba esvoaçante e com longas unhas com as quais arranha a superfície de madeira.

De cócoras sobre o guarda-roupas, está o primeiro monstro. Sento na cama, o observo. De cócoras ele tem os olhos cerrados. Suas mãos peludas habilmente colocadas sobre os pés, de palmas viradas para cima. *Longas unhas* arranham a madeira sobre a qual ele permanece em quieta presença. Meus olhos se abrem cada vez mais violentos, sua voz sem dúvida se ouvirá e seus olhos, finalmente abertos, queimarão meu corpo e o transformarão em cinzas. *Sua longa juba esvoaça*, embora não exista vento. E uma baba sempre uniforme lhe corre de um dos cantos da boca. Ele ergue levemente uma mão, ela paira indecisa. Depois ele se resolve e com ela coça a cabeça. (SILVA, p. 15. Grifos meus)

Da mesma forma, o segundo animal vivente presente na Bíblia é também caracterizado enquanto tendo a cabeça de um animal na mitologia presente no apocalipse joanino. É esse animal cuja cabeça é descrita como a de um touro que chama o segundo cavaleiro do apocalipse, de cor vermelha e que brande uma espada a fim de causar terror e derramamento de sangue. Na narrativa de Aguinaldo, no

entanto, a imagem do segundo monstro não se assemelha necessariamente a um touro, mas parece ser sim a sua desconstrução. Ao invés do corpo normalmente forte com o qual é caracterizado o animal, o monstro de Aguinaldo possui o corpo fraco e pés gigantescos, cuja perda de força é sua característica principal. Além disso, o elemento sanguíneo, que o aproximaria do segundo cavaleiro do apocalipse também se faz presente no rastro de sangue que seus pés produzem no quarto da personagem protagonista.

Secretíssimas vozes te anunciam, monstro número dois, teus pés, inchadíssimos, maiores que o corpo. Chegas diante do meu leito, de mim aproximas as mãos, já te prevejo. Teu hálito sobre mim desaba e antes que as palavras se ouçam, posso ver a marca vermelha deixada pelos teus pés onde pisastes. Deles escorre sangue, tua marca é este perder constante de energias, mas estás, saberás como dizer-me? Agora vejo o teu rosto, pequenino como as mãos, e pálido, suado de velhos sofrimentos. O resto do corpo, nu, é insignificante. E só os pés reagem a essa prisão, somente eles conseguem ser tão grande abrindo janelas de dor (ibidem, p.18)

Adiante, o terceiro animal presente na narrativa joanina é descrito enquanto um homem. É ele quem liberta o cavaleiro de número três, de cor preta, que carrega uma balança, “expressão universal da justiça, mas que foi pervertida na medida em que se violaram os direitos dos cidadãos” (Martins, 1999 p. 75), sendo também considerado, segundo Almeida (2008) enquanto símbolo da injustiça social. Na narração de Aguinaldo, o monstro de número três também possui aspecto humano, uma vez que é o único dos monstro que defende ter sido feito à imagem e semelhante da personagem protagonista, da mesma forma que, na mitologia hebraica o humano é feito à imagem e semelhança de Deus. Sua segunda caracterização são olheiras enormes, que descem até o chão como um véu que cobre todo o corpo, evidenciando seu aspecto de “quem jamais dormiu” (Silva, 1975, p. 26). A caracterização deste monstro em alinhamento com o cansaço parece fazer parte de uma crítica constante dentro da obra de Aguinaldo, que é o fato de os homens perderem-se constantemente dentro em relações comerciais, interpretação que se fortalece quando consideramos que a balança pertencente ao terceiro cavaleiro, além de símbolo da justiça, também pode ser o símbolo do comércio, uma vez que o terceiro cavaleiro apocalíptico é aquele que traz o sofrimento da humanidade pela destruição e pela fome (Almeida, 2008, p. 12)

Caminhemos todos neste mar de ignorância mergulhados, e nos debatemos em vão, se o problema é este, pois o terceiro monstro já de mim se acerca, e suas olheiras Vão até os joelhos, caem sobre o rosto e cobrem tudo o que ficar abaixo dos olhos até onde começam as pernas. (...) A escuridão que dele se precipita desce em véu até os carros que passam lá embaixo (...) Seus braços pendem ao longo do corpo, as mãos balançam, os dedos duros são lassos, escorregadios, verdosos. Seu corpo é quase um fio, nada tem de apreciável a não ser essa leveza que parece querer alçá-lo aos ares. Como os outros, não sei seu nome, nem de onde ele vem, tampouco ousar perguntar-lhe. Ele não diria nada se eu persistisse em silêncio, por isso chego a murmurar, a que me queres? E ele:

- Fui feito à tua imagem e semelhança(...) (Silva, 1975, p. 26 e 27.)

O quarto monstro, por sua vez, é que menos é descrito, mas parece carregar o fechamento da simbologia bíblica que alia tanto os animais vivos pertencentes ao texto joanino como os cavaleiros que conjuram. No livro do apocalipse, o quarto animal é descrito enquanto uma águia, é ele quem conjura o quarto e último cavaleiro: a morte. O quarto cavaleiro é descrito enquanto de cor esverdeada, carregando a morte e sendo seguido por Hades, constituindo-se enquanto o fechamento dos três problemas apresentados e representados pelos cavaleiros anteriores (Almeida, 2008 p. tal). Na narrativa de Aguinaldo, no entanto, o monstro também é alado, mas na aproximação de um animal que, diferente da águia, é mais associada à morte e à escuridão: o morcego. Além disso, o caráter bélico que, segundo Almeida(2008), caracteriza a passagem bíblica pode estar presente nas botas de soldado, que também parecem fazer uma alusão ao regime militar então em vigor quando este anuncia as horas e os minutos na cidade maravilhosa.

Vejo quando ele sobe pelas paredes. O quarto monstro se equilibra no teto, como um morcego, a cabeça voltada para baixo. Anda com suas botas de soldado, deixa no ar suas pegadas. Palita um dente enquanto declara que são precisamente vinte e três horas e quarenta e cinco minutos na cidade maravilhosa, motivo pelo qual o jornal do Brasil informa. O quarto monstro tem olhos que se assemelham a ovos de páscoa, e seu sorriso constante é amorfo, parece feito de cera (SILVA, 1975, p.47)

Dessa forma, Aguinaldo utiliza a figura dos quatro monstros em sua obra para designar o processo de conscientização e descobrimento da sexualidade. Como aponta Maia (2016), a monstrosidade na obra de Aguinaldo possui tanto o papel de reconhecimento do corpo andrógino quanto o seu entendimento enquanto corpo dentro da sociedade. A possível referência ao texto bíblico do apocalipse joanino também parece carregar e aperfeiçoar o tom subversivo que o escritor dá aos escritos bíblicos

dentro da narrativa. Se o livro do apocalipse, como pontua Ribeiro (2011), possui, antes mesmo do papel profético, o papel de revelação ou de “tirar o véu”, os monstros que operam dentro da obra de Aguinaldo também seriam, tal qual os quatro animais viventes na narrativa bíblica, que antecedem a vinda dos cavaleiros do apocalipse, aquilo que antecede a revelação individual e pessoal da personagem principal. A escolha da monstruosidade, ao mesmo tempo que alia os animais à bestialidade e abjeção, também alinha esse processo de descoberta com o sentimento do medo.

Além disso, a própria ideia ou escolha da caracterização desses seres enquanto *monstros* (e não *bestas* ou *animais*, como poderia se esperar se a questão bíblica fosse a única referência) parece ser importante ao real entendimento do papel dessas figuras dentro da narrativa de Aguinaldo. Cohen (2000) busca em seu estudo “A cultura dos monstros: sete teses” mostrar como a ideia e a construção daquilo que é monstruoso é capaz de ser uma ferramenta para a compreensão e leitura das culturas das quais eles emergem. Segundo o autor, tal qual o livro apocalíptico, o “*monstrum* é, etimologicamente, ‘aquele que revela’” (p. 27), sendo assim uma construção cultural e social daquilo que representa tanto os medos quanto os desejos da sociedade ou de determinada categoria. Tal ideia reforça a perspectiva da presença desses monstros enquanto catalisadores da busca ou do descobrimento de uma verdade que, ao mesmo tempo que amedronta a personagem protagonista, é também parte da representação de seu desejo.

Ao personificar aquilo que é inclassificável, a figura do monstro se constrói enquanto enigma, enigma esse que é constantemente exortado por parte dos monstros ao narrador a fim de este se veja livre desses. Não é a toa que a superação desses monstros e desse enigma se dê em Faeton, o planeta esquecido, quando tanto os monstros são derrotados um a um, quanto a resposta para o enigma posto é finalmente encontrada. A numerologia quaternária presente na construção dessas figuras, se voltarmos ao contexto bíblico, remete ao processo que se faz presente em todo o processo de revelação presente no livro apocalíptico através das figuras dos quatro animais-viventes, dos quatro anjos, os quatro cantos da terra e os quatro cavaleiros.

Assim, é como espécie de processo em que esses monstros são derrotados pela personagem protagonista no novo mundo que está sendo explorado, sendo a culminância da morte do último monstro a revelação da verdade e do enigma proposto por eles. É assim que o primeiro e o segundo monstro são derrotados com certa violência por Salomão, o terceiro também o é, mas antes disso há o vislumbre da resposta que procura e, com o último monstro, quando é descoberta a resposta, há a luta e posterior devoramento do monstro por parte da personagem.

4.3 FAETON E UMA GÊNESIS SEXUAL ou *O homem vivendo em coletiva alegria*

O desfecho do livro localiza sua narrativa já em Faeton, o planeta esquecido, construindo um mundo em que a personagem Salomão se encarrega de desvendar e colonizar. A passagem parece se construir enquanto espécie de mito de origem de uma nova era, carregando vários dos preceitos que, segundo autor, caracterizam os mitos de origem nas diferentes culturas ocidentais, tal qual a presença de um casal fundador e as relações incestuosas. Além disso, a escolha das personagens que povoam a parte conclusiva da história de Aguinaldo também possui relações estreitas com outro trecho da mitologia fundante da cultura judaico-cristã: o capítulo bíblico de Gênesis.

No entanto, uma das únicas personagens desse novo mundo que escapa da tradição judaica seria o equivalente a primeira mulher: Sibila. Após derrotar os monstros e alcançar o conhecimento proposto e mistificado por eles, Salomão a vê caminhando pela praia. É descrita enquanto uma mulher bela e loira, de cabelos longos e que caminha lenta e descompromissadamente, que atrai a atenção e o desejo da personagem protagonista, apesar de nunca antes em sua vida ter existido uma mulher (Silva, 1975, p.121). Ela se apresenta enquanto Sibila e diz não saber o que faz ali. Dessa forma, se constrói a segunda metade do que poderíamos chamar de casal

fundador desse novo mundo. De um lado, a figura bíblica de Salomão, de outro, a presença de Sibila, figura que escapa da tradição judaica e vai encontrar sua origem nas culturas orientais e helênicas.

Segundo essas, Sibilas seriam espécies de sacerdotisas dotados de dons premonitórios. Segundo Magnani (2016), as sibilas são figuras femininas que, ligadas ao deus Apolo, possuem a capacidade de guardar e transmitir seus oráculos. Diferentemente de outras figuras mitológicas, as Sibilas são caracterizadas dentro da cultura helênica antiga enquanto seres “tipos”, ou seja, são descritas não enquanto um indivíduo único, mas são personificadas a partir de diferentes nomes e personalidades divinas. Assim, a Sibila, ainda segundo a autora, “podia simbolizar em certa medida a população como um todo, que adquiria por meia dela uma condição sobrenatural pela qual estava capacitada a comunicar as mensagens divinas aos fiéis” (idem, p.118).

A escolha da figura de Sibila parece ser de fundamental importância para construção simbólica dada a esse novo mundo dentro da obra de Aguinaldo. Na mitologia judaico-cristã, a mulher-fundadora é Eva (isso se desconsiderarmos a figura controversa de Lilith), a mulher que é feita a partir da costela de Adão e é de certa forma responsável pelo pecado original e pela expulsão do homem do paraíso. Feldman (2006) fala do encontro entre a cultura helenística e judaica na comparação entre a figura de Eva e Pandora. O autor defende que as duas são, segundo a mitologia, feitas de materiais diferentes daqueles dos homens, e também as duas acabam por serem responsáveis pela degeneração humana. Dessa forma, faz sentido que aguinaldo se afaste dos mitos originários das duas culturas na construção da sua figura feminina em Faeton, optando pela figura da Sibila, figura que carrega algo de sagrado dentro do imagético feminino, mas não compactua com a ideia que alinha a figura feminina ao conceito do pecado, da desgraça e da astúcia.

Em parte porque o conceito de pecado é aparentemente inexistente dentro da construção do mundo de Faeton, pelo menos no seu nível prático. Os dois primeiros filhos do casal originário, Salomão e Sibila, são nomeados tal qual os dois primeiros filhos de Adão e Eva na mitologia judaica: Caim e Abel, porém, “sem os crimes de

antes”. Isso mostra parte do esforço do Aguinaldo em construir uma narrativa que ao mesmo tempo que utiliza dos elementos da cultura judaico-cristã, busca subvertê-la a fim de garantir que a representação desse novo mundo passe por uma tentativa de construção de um imaginário que não utilize o pecado enquanto formador da matéria humana. Além disso, tal construção parece querer afastar-se das bases do patriarcado com o qual os textos bíblicos trabalham, o que parece guiar a escolha de nomes dos outros filhos do casal Salomão e Sibila, que misturam tanto os nomes dos patriarcas da bíblia como também figuras femininas de relevância tanto positiva quanto negativa na narrativa cristã. É assim que se estabelece a relação entre Sara, Judite, Abrãao, Raquel, Caim e Abel. De alguma forma, a junção entre os nomes de patriarcas com o de imagens duvidosas dentro da narrativa bíblica como Caim e a astuciosa Raquel parece construir um mito originário que não apenas subverte a narrativa bíblica, como serve de redenção para os pecadores dentro desta.

É assim que parece ser construída o principal tema recorrente do livro: a sexualidade. Segundo Ceccareli (2012), os mitos de origem tem um papel fundamental na construção da sexualidade na sociedade, especialmente no que compele a sua repressão, uma vez que esta é também fruto das práticas e dos valores que sustentam o imaginário social. Para compreender isso, ele se volta aos mitos de origem que, no caso ocidental, se constrói principalmente através da fábula de Adão e Eva e a sexualização do “pecado original”. Em outras palavras, se no texto bíblico a sexualidade é construída, seja no texto em si, seja socialmente a partir das interpretações dos diversos teóricos, enquanto fruto do pecado original praticado por Adão e Eva que os levaria a serem expulsos do paraíso; na narrativa de Aguinaldo, o jogo é invertido a fim de que a sexualidade seja vista antes como forma de prazer do que como forma de reprodução da espécie.

É o que transparece a cena em que Salomão e Sibila se unem no ato sexual. Os dois são movidos pela pulsão da reprodução, de fazer novos filhos e garantir a existência da espécie dentro do novo mundo de Faeton. No entanto, longe das práticas quase cirúrgicas que seriam o ideário de uma sexualidade tão arraigada na sociedade

ocidental que vê a reprodução enquanto fim único para a prática sexual, o ato apresentado por Aguinaldo apresenta o prazer enquanto anterior ao fim proposto pela pulsão que guia as duas personagens ao ato.

Eu já sabia. E me parecia lógica, agora, a missão de ter novos filhos nessas clareiras de Faeton ainda jovem e sem abortos, prontas a fazer frutificar e a espalhar novas ideias. E Sibila, ao passar diante de mim, seus olhos semicerrados (SILVA, 1975, p.122-123)

Antes, debrucei-me em direção à sua boca e beijei-a numa alegria selvagem, apossava-me do seu corpo aos saltos, em pequenas contrações do ventre, do tórax, coloquei as mãos; ela levantou as pernas, pousou-a sobre os meus ombros e seu movimento erguendo o corpo foi o mais natural. Estive mais perto, associei-me à sua ideia, lancei-me para a frente e rápido deslizei por entre as paredes de sua vagina, sentindo o ardor crescente dos seus gestos e ouvindo a respiração pesada, ofegante do seu útero. Lá dentro, havia o calor essencial, que dizem único, e nele chafurdei, Senhora, procurando a semente junto à qual deveria em sã consciência colocar a minha, mas antes, O PRAZER (ibidem, p.124)

Além disso, a construção da sexualidade nesse novo mundo também pode ser entendida a partir da cena de iniciação sexual do primogênito do casal Sibila e Salomão. Na cena, convivem elementos controversos da sexualidade, como o tabu do incesto e da sexualidade infantil. O primeiro se explica pela própria matéria de mito originário presente na passagem, elemento também presente em vários mitos originários ocidentais, como o da cultura greco-latina e até mesmo da judaica-cristã. Já o segundo, apesar da polêmica que suscita sempre quando presente, faz parte da construção de uma narrativa de ensinamento dos prazeres. As crianças não participam ativamente do momento, mas o assistem, passagem que aproxima o ensinamento dos prazeres sexuais com as famigeradas perversões, como a homossexualidade e o voyeurismo. Aqui, Sibila e Salomão praticam o ato sexual com seu filho primogênito, enquanto os outros filhos os assistem, aprendem e celebraram os ensinamentos contidos no ato, como espécie de ritualização da maturidade de Abel.

Dessa forma, o que parece estar presente na construção de sexualidade desse novo mundo proposta pela narrativa de Aguinaldo é uma tentativa de retorno a algo anterior à criação do que Foucault (2018) chama de *scientia sexualis*. Contrariando a interpretação Freudiana de Marcuse (2013) a respeito da repressão da sexualidade, o autor defende que a repressão sexual passa primeiramente pela linguagem. É, segundo ele, o esforço da categorização das posições sexuais, bem como o aparato

médico-científico com o qual foi construída a noção da sexualidade, tanto por forças religiosas quanto por científicas, garantiriam a repressão dos prazeres e dos corpos. Além disso, bebendo na fonte da religião, seriam capazes de catalogar práticas aceitáveis e não aceitáveis nas relações sexuais, primeiramente em nome de Deus e posteriormente em nome da saúde.

É no afastamento desse tipo de pensamento que parece ser criada a noção de sexualidade na cena já descrita. Os ensinamentos perpetuados por Salomão e Sibila aos seus filhos não passa necessariamente pela linguagem, mas sim pela experimentação do potencial dos corpos e do prazer. Essa noção corrobora com essa busca por uma sexualidade anterior ao surgimento da linguagem e dos aparatos de classificação e categorização das práticas e dos indivíduos sexuais. Assim, Aguinaldo afasta a ideia de uma identidade homossexual que parece estar presente em todo o decorrer da narrativa para criar uma cena utópica em que a sexualidade seria exercida livre das amarras propostas pela linguagem e pela civilização.

Tal conceito corrobora com a ideia de Freud a respeito do aporte da civilização e sua incongruência com o alcance do prazer. A verdade encontrada por Salomão no seu confronto com os monstros/animais da narrativa o levam a entender que a chave estaria no fato de o homem viver em coletiva alegria. Os aparatos civilizatórios ocidentais, especialmente aqueles vinculados às trocas comerciais características do sistema econômico capitalista parecem ser construídas enquanto inibidora dos corpos e de uma real e ampla utilização dos prazeres. Tal construção parece estar latente no trecho a seguir, em que Salomão reflete sobre a verdade descoberta a partir da destruição dos monstros/animais.

Porque a verdade é que ouvindo, escutando a voz imperiosa dessa virgem natureza, soube da terra o que necessário se faz - que os homens se vejam nos olhos dos outros sem o capital que os dissimula e as mentiras que erguem falsos sistemas e que apregoam revoluções impossíveis dentro da negação do homem primeiro, anterior. Sei que a única maneira de fazer com esta lei celeste prossiga inalterada será dando ao homem a dignidade que ele perdeu numa de suas encruzilhadas, quando seu ancestral fez o primeiro machado de pedra e trocou-o por algumas contas, e quando depois este ancestral precisou fazer mais machados para ganhar mais contas, e então tratou de encontrar um homem mais fraco para obrigá-lo a fabricar os machados de que necessitava, erigidos os sistemas as mãos, esquecidas de si próprias, renovando a carga através dos séculos, e tanto mais se fazia, procurava-se escravos, comprava-se,

vendia-se, o ouro resultava em mortes e as explorações em novos conhecimentos (Silva, 1975, p.122)

Dessa forma, é construída em Faeton uma noção a respeito da sexualidade se aproxima muito mais do que Foucault denomina de *ars sexualis*. O conceito é construído pelo autor como uma oposição aos aparatos científicos e metodológicos que caracteriza a atuação da mentalidade ocidental sobre o sexo, aproximando-se da arte erótica feita nos países orientais. Nelas “a verdade [sobre o sexo] é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma”. (FOUCAULT, 2018,p. 57) É por isso que os ensinamentos sexuais não passam pelos ensinamentos de linguagem, mas sim pela exploração dos atos e dos corpos, e bem como a construção da sexualidade de Faeton não parece sofrer aparatos de regulação social, como a monogamia ou a genitalização heterossexista. Assim, os filhos de Salomão e Sibila, no intervalo dos trabalhos, entregam-se uns aos outros em amor coletivo e “se amam sem que haja diferenças”. (Silva, p.133)

Por fim, o narrador, já idoso e após a morte e posterior antropofagia de Sibila por Salomão e pelos filhos, sobe em uma das montanhas mais altas de Faeton e ali visualiza tanto o novo mundo quanto vê, ao longe, o planeta Terra. Segue assim uma comparação entre esse novo mundo proposto pela narrativa e o planeta Terra, em que o primeiro é descrito enquanto um lugar de possibilidades e onde os filhos de Salomão são mais fortes, em comparação com o segundo, que segue vazio sua órbita. Enquanto os habitantes do novo planeta evoluem seus conhecimentos e descobrem coisas como a roda e agricultura, as personagens terrenas são descritas enquanto perdidas no mundo das usuras e das mercadorias. Mais uma vez, o mundo de Faeton se constrói enquanto algo anterior à civilização e aos processos de lucro e trocas comerciais pertencentes ao mundo ocidental moderno, em detrimento da Terra que parece afogada e perdida na própria modernidade e progresso.

Por fim, “os homens que se cuidem”, pensa Salomão ao observar a Terra, podendo demonstrar tanto um teor de ameaça quanto uma visão um tanto individualista frente aos habitantes do planeta que o torturaram e expulsaram na primeira parte do livro. A Terra, descrita aqui enquanto acovardada por não explorar seus limites e nem suas capacidades se perderia para sempre na aflição das guerras e do comércio, mergulhados nas contradições que podem, por fim, exterminá-los. A passagem me remete a chamada da entrevista de Ney Matogrosso para o jornal *Lampião da Esquina*, em 1979. Nela, Ney dizia que “Libertação? Cada um que cuide da sua!”, demonstrando o crescente caráter individualista que parecia guiar alguns setores da luta homossexual no Brasil então em desenvolvimento. Se a narrativa de Aguinaldo corrobora com tais intuítos ou tal visão, não sei se cabe nessas páginas, mas a fala de Ney, dita três anos depois da publicação da *Primeira Carta aos Andróginos*, parece enquadrar bem a questão: que cada um cuide da sua libertação.

E os homens que se cuidem!

CONCLUSÃO

O setores mais conservadore do Brasil precisam lidar com seu trauma a respeito do sexo!

E mais, tais precisam urgentemente parar de matar e torturar aqueles sexualmente desviantes que tiveram o infortúnio de nascer ou crescer dentro do seu território.

É verdade que, ao mesmo tempo que um governo cujo principal slogan era sua homofobia internalizada e seu caráter conspiracionista a respeito de uma famigerada e irreal ditadura gayzista, novos ventos parecem surgir no horizonte com a decisão do STF de criminalizar a homofobia, equiparando-a com o crime do racismo. Decisão necessária, porém um tanto atrasada se considerarmos a conjuntura dos países a nossa volta que já fizeram de um ato de violência o que ele realmente é: um ato de violência, e não a transformação de uma barbárie planejada em mera e inocente opinião que deve ser respeitada

A dívida do Brasil para conosco, no entanto, ainda é extensa e não seria quitada necessariamente com o mínimo de proteção que todo indivíduo dentro de uma faixa que é diariamente morta pelo preconceito deveria ter. O Brasil ainda precisa lidar com seu trauma sobre o sexo, e para isso, precisa entender que LGBTs são mais do que necessariamente o sexo que os corrompe. Os homossexuais fizeram e fazem parte da história desse país, ajudando a construí-la, para muito além dos modistas que importamos, da prostituição que exercemos, ou das personagens caricaturais de programas humorísticos, caracteres muito menos construídas por nós e muito mais fabricadas a partir do sadismo, recato e recalque deles

Dessa forma, parte do esforço deste estudo e mesmo dos meus esforços dentro da academia nos últimos anos foram o de mostrar a importância de alguns viados e sapatas dentro da produção cultural do país. Mais do que isso, que tínhamos algo a dizer para além das performances e dos festejos, expor nossa chaga sangrenta tantas vezes pisoteadas em nome dos bons costumes e de um deus que, pelo menos nos discursos oficiais, tardou em nos mostrar sua outra face. Nós, aqui do submundo, por

vezes só vimos nessa luz brilhante e branca que deveria ser deus a face de uma condenação mesquinha e arbitrária.

Sangramos nas mãos da Igreja durante a Inquisição. Sangramos na mão dos militares durante o regime ditatorial civil-militar. Sangramos na mão da população que mata no pequeno hiato democrático que tivemos, e sangramos nos últimos tempos, quando até mesmo pessoas próximas foram capazes de relevar o discurso de ódio e violência proferidos a nós para colocar no poder um grupo de homens e de mulheres que pensam como homens, que fazem do conservadorismo e do trauma sexual suas bandeiras mais proeminentes.

Foi assim com este intuito que este estudo resolveu se debruçar sobre a obra de Aguinaldo Silva, *Primeira Carta aos Andróginos*, em parte pela relevância do autor dentro do circuito pop brasileiro, especialmente pela sua atuação enquanto escritor de folhetins dentro da famigerada Rede Globo, em parte por entender dentro da obra os germes de uma nova maneira e estética voltadas à pauta da libertação sexual tão em voga dentro da década de 70 no Brasil ditatorial. Como já dito, a análise centrou seus esforços em duas vertentes, uma de viés mais materialista a partir da primeira parte do livro, outra focada nas simbologias, principalmente as de origem judaico-cristã, presentes na segunda e terceira partes do livro.

A primeira parte do livro, passada na Terra, parece demonstrar os diferentes níveis de violência e de opressão que essa personagem andrógina construída por Aguinaldo sofre neste contexto. O horror da prostituição, a discriminação feita pela comunidade suburbana que consegue ignorar seus próprios desvios sexuais e sua própria perversão, mas julga com ódios e mãos divinas o suposto desvio praticado pela personagem adolescente, o mercado que o expõe enquanto peça de venda de açougue e o obriga a se prostituir por menos, “cada vez menos”. Além disso, por última, a condenação institucional da tortura perpetuada pelo policial Arararuna, que não encontra justificativa a partir de nenhum motivo comumente utilizado pela regime ditatorial militar como a caça ao comunismo ou a práticas terroristas. A tortura descrita

por Aguinaldo tem como única justificativa a sede sádica (aqui descrita com ares sensuais) da personagem para com a personagem principal.

“Puto nasceu pra sofrer” é a grande justificativa, afinal. Frase que no decorrer de nossa história ganhou tantas roupagens e serviu a tão diferentes aparatos de tortura perpetrados contra aqueles sexualmente desviantes em nosso território.

A segunda parte do livro foca na viagem feita pela personagem - aqui duplicada na união das personalidade de Davi e Salomão - até Faeton, o planeta esquecido. O exílio é o resultado e a condenação pelo caráter público dos atos imorais praticados por Davi-Salomão. Ou seja, a questão pertencente enquanto construtora da moral sexual terrena a partir da visão de Aguinaldo não passa pela prática ou não dos atos ditos imorais, mas sim pelo seu caráter público. Fica evidente, assim, no julgamento aquilo que Borillo (2010) caracteriza enquanto *homofobia liberal*, que é o encarceramento da homossexualidade dentro do aspecto privado do indivíduo, mas que não deve vir a público a fim de garantir os aparatos da vida geral baseadas na moral e nos bons costumes. Em outras palavras, o discurso tão presente no imaginário brasileiro e na fala de qualquer pessoa conservadora que saiba vestir sua máscara liberal de que “tudo bem ser gay, mas não precisa se expor assim na rua”, o que dá indícios de como a sociedade trata seus indivíduos homossexuais, tanto naqueles tempos sombrios da época militar, quanto nos tempos sombrios que podemos chamar de nossos.

Além disso, fica evidente nessa passagem do livro o embate ideológico-discursivo dos movimentos homossexuais da época a partir do diálogo feito entre as personas Davi e Salomão quando no decorrer da viagem interplanetária até Faeton. De um lado, a busca pelo prazer individual e a aceitação da pecha da degeneração, a imoralidade empunhada enquanto bandeira na figura de Davi. Do outro, a busca por uma consciência coletiva a respeito da sexualidade e da libertação sexual, na figura de Salomão. O diálogo mostra as duas vertentes que fariam parte das discussões pertencentes anos depois aos movimentos de libertação sexual, como pontua Trevisan (2018), no embate entre libertação individual e libertação coletiva, demonstrando a primeira enquanto reação das violências sofridas e a segunda

enquanto espécie de consciência praticada a partir dessas mesmas violências. Por fim, a união dessas duas vertentes configuradas na figura de Salomão poderiam dar indícios do tom utópico utilizado na obra de Aguinaldo a partir dessa passagem.

A terceira parte do livro retrata a chegada de Salomão em Faeton, o planeta esquecido. A construção de um novo mundo tem ares de mito de origem, contando com elementos recorrentes dentro de tal gênero, como o casal fundador e as relações incestuosas. Aqui fica latente a visão de uma nova sexualidade proposta por Aguinaldo em sua obra. Se as relações sexuais descritas pela personagem quando este se encontra na Terra são recheadas de elementos de perversidade, de culpa e de violência, além de obedecer os caracteres classificatórios e moralizantes propostos tanto pela religiosidade judaico-cristã quanto pelo discurso médico, as relações sexuais que acontecem em Faeton são desprovidas de culpa, exercidas sem amarras e de maneira lúdica e descompromissada. Não um aparato de fazeres adequados ou não adequados, mas o simples exercício do prazer e da junção dos corpos.

É como se de alguma forma as relações sexuais que se dão no planeta esquecido se afastem daquilo que Foucault (2018) chama de *scientia sexualis*, que seria o encarceramento do prazer dentro de aspectos patologizantes e classificatórios do discurso religioso e médico, para o que ele chama de *ars sexualis*, que, baseada na arte erótica oriental, seria uma produção de exaltação do prazer e que funciona a seu serviço. O próprio deslocamento das relações estritamente homossexuais praticadas pela protagonista na Terra em comparação a sua inserção nas relações de ordem bissexual em Faeton parecem deslocar essa sexualidade patologizada proposta pelo que Borillo (2010) chama de homofobia clínica para uma sexualidade mais libertada e livre de amarras e de conceitos médicos e religiosos. A própria construção de Faeton enquanto o *planeta esquecido* parece reiterar a ideia da busca por uma sexualidade e por um exercício do prazer também esquecidos, ao invés da sexualidade contaminada pelo discurso médico e religioso que caracterizaria os aparatos sexuais no Ocidente, segundo Foucault (2018).

Dessa forma, o sexo dos homens proposto pela obra de Aguinaldo passa não necessariamente por uma sexualidade entre homens enquanto gênero, mas sim enquanto espécie. É na máxima de que “a única maneira de obter igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher” que se sustenta a sexualidade proposta em Faeton, o planeta esquecido. Dessa forma, enquanto a “Primeira Carta aos Coríntios” da mitologia judaico-cristã, o apóstolo Paulo dá as diretrizes de uma moral cristã, Aguinaldo em sua *Primeira Carta aos Andróginos* também dá as diretrizes de uma sexualidade livre e desimpedida àqueles que, por mais que sexualmente desviantes dentro da sociedade, ainda assim se encerram dentro dos paradigmas e conceitos propostos pelo discurso heterossexista de ordem religiosa e médica.

Por fim, é necessário avaliar a utilização da mitologia judaico-cristã dentro da obra de Aguinaldo. Não é na utilização dos caracteres religiosos que Aguinaldo constrói sua narrativa, mas a partir de sua subversão. Tal influência é cabal para o entendimento da obra, principalmente dentro do contexto histórico e social da qual ela é fruto. Considerando que o discurso religioso de origem judaico-cristã seja em parte origem dos preconceitos difundidos sobre e contra a comunidade LGBT e que seja também a motivação moral para a construção dos regimes de maior controle moral sobre os corpos e sexualidades dos indivíduos na sociedade brasileira e que esse foi um dos discursos que garantiu a ascensão do regime ditatorial civil-militar ao poder a partir de 1964, é possível considerar que Aguinaldo construa uma espécie de “antropofagia - gay” quando utiliza desses mesmos caracteres a fim de propor uma literatura que visa a libertação sexual e de costumes.

Por fim, se algo seria o intuito desse trabalho, esse algo é a possibilidade de produzir material que ajude nos estudos nos tantos — porém, ainda poucos — estudos que colocam sujeitos e a história daqueles indivíduos sexualmente desviantes no centro da discussão. Mais do que isso, mostrar e compreender como é que nos víamos e como fomos tratados dentro do contexto mais conservador e nefasto de nossa história presente, seja para resgatar o pouco de memória coletiva que temos

enquanto grupo, seja talvez como tentativa de nos compreender enquanto grupo. Se tem algo que a incursão da obra de Aguinaldo dentro do ambiente acadêmico pode fortalecer é a ideia de que nós produzimos conteúdo dentro da nossa história da literatura, conteúdo que vai além das performatizações e da mistura de aparatos de gênero que tão comumente caracterizam nossa produção estética.

É importante frisar, no entanto, que o intuito não é construir o caminho para a consumação de uma história da literatura gay no país, uma vez que isso seria contraproducente na nossa luta por uma inclusão real dentro da sociedade ainda tão violenta e conservadora. O intuito é um pouco menos pretensioso, uma vez que só se dedica a entender que existiu uma representação de nossa realidade um pouco mais fidedigna dos aparatos de violência que sofremos outrora e que sofremos agora. Mais do que isso, compreender que existiu a representação e representatividade de uma comunidade que talvez não tenha possuído ou tenha sido tragada por utopias políticas — uma vez que a história mostra que fomos excluídas ou utilizados de maneiras escusas por grande parte delas — mas que, se possuíamos algo, é uma utopia dos corpos e uma utopia dos prazeres.

Nós sangramos naqueles tempos.

Nós sangramos agora!

Mas um dia não sangraremos mais!

E os homens que se cuidem!

Porto Alegre,

Janeiro - Junho/2019

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. "A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação de Massas". In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.99-138

ALMEIDA, Maria Aparecida Andrade de. Os Cavaleiros Apocalípticos. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 4, p.03-16, 2008.

ALTER, Robert. **The art of biblical narrative**. New York: Basic Books, 2011.

_____; KERMODE, Frank (Org.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997. 725 p. Tradução de: Raul Fiker.

BÍBLIA: Novo Testamento. Novo Testamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 609 p. Tradução de: Frederico Lourenço.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História Crítica de um Preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 140 p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Mitos, sexualidade e repressão. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 64, p.31-35, jan. 2012. Mensal.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Cap. 2. p. 23-60.

FELDMAN, Sérgio Alberto. A mulher na religião judaica: (período bíblico: Primeiro e Segundo Templos). **Métis: História e Cultura**, Caxias do Sul, v. 5, p.251-272, 2006. Semestral.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____, Michel. **História da Sexualidade: O cuidado de si**. 2. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. 314 p

_____, Michel. **História da sexualidade: O uso dos prazeres**. 5. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. 319 p.

FRYE, Northrop. **O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004. 376 p. Tradução de: Flávio Aguiar.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 87-111.

GARDNER, Paul (Ed.). **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1999. 647 p. Tradução de: Josué Ribeiro.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abr. 1978.

MAIA, Tereza Cristina Gomes. A monstrosidade em Primeira Carta aos Andróginos de Aguinaldo Silva. **Anais do Cena**, Uberlândia, v. 2, p.01-07, 2016. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2016/01/TEREZA-MAIA.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

_____, Tereza Cristina Gomes. O homoerotismo e a abjeção na narrativa de Aguinaldo Silva. *A Margem: Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*, Uberlândia, v. 11, n. 2, p.13-32, 2016. Semestral. Disponível em: <http://periodicos.ileel.ufu.br/index.php/amargem/article/view/92/pdf_49>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MAGNANI, Maria Claudia Almeida Orlando. Sibilas: da Babilônia ao Brasil. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Portugal, v. 20, p.115-138, 2016. Semestral.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas podres: Desenvolvimento, desigualdade econômica e homossexualidade no Brasil.. *Caderno Ael*, Campinas, v. 10, n. 18, p.130-147, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2511/1921>&g t;. Acesso em: 15 mar. 2017.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARTINS, Fausto. A simbologia numérica nos *Commentari exegetici in Apocalypsim* do Padre Brás Viegas, S.J. **Via Spiritus**, Cidade do Porto, n. 6, p.65-90, 1999.

MAY, Herbert G.; METZGER, Bruce M. (Ed.). **The Oxford Annotated Bible**. New York: Oxford University Press, 1962. 1214 p.

MOTT, Luiz. A revolução homossexual: O poder de um mito. **Revista Usp**, São Paulo, v. 49, p.40-59, 2001. Trimestral.

MURIBECA, Mercês. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 32, p.117-128, nov. 2009.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos; SCHMITT, Lara Stresser. Perversão e contemporaneidade: um discurso equivocado?. **Psicologia: Teoria e Prática**, [s.i], v. 13, p.182-194, 2011.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Por um novo romance**. Lisboa: Publicações Europa-américa, 1965. 184 p. Tradução de: Cristovão Santos.

SANTOS, Eron Rafael dos. **Se o sistema não estivesse interessado em manter vielas escuras, simplesmente as iluminaria**: repressão e exposição homossexual a partir de *Lampião da Esquina* (1978 - 1981). 2017. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Natanael de Freitas. Ditadura civil-militar no Brasil e a ordem de gênero: masculinidades e feminilidades vigiadas. **Mosaico**, [s.l.], v. 7, n. 11, p.64-83, 17 nov. 2016. Fundação Getulio Vargas. <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64778>.

SÍMBOLOS que morreram: Lojas Mesbla. Rio de Janeiro: Tv São Manoel, 2014. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=101C8dezM1U>>. Acesso em: 10 fev. 2018

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964 – 1969. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. p. 61-92.

RIBEIRO, Antonio Lopes. Os quatro cavaleiros do apocalipse: a desconstrução de um mito. **Caminhos**: Revista de ciência da religião, Goiás, v. 9, p.327-345, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

TEMPORADA de Caça. Direção de Rita Moreira. Produção de Rita Moreira. S.i., 1988. (22 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g>. Acesso em: 21 maio 2017

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 726 p